



**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**  
Instituto de Relações Internacionais

**Os investimentos externos realizados pela China e seus objetivos**

ISABELLA NOBRE PEDREIRA DA COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso – Orientador: Prof. Marcelo Nonnenberg

**Rio de Janeiro**  
**2021.1**



**Isabella Nobre Pedreira Da Costa**

**Os investimentos externos realizados pela China e seus objetivos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Marcelo  
Nonnenberg

Rio de Janeiro

2021.1

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe, à minha irmã, ao Davi e à minha companheira de estudos desde o fundamental, minha gata Pepita.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, quero agradecer à Deus, por me auxiliar e iluminar meu caminho até aqui.

À minha mãe que sempre acreditou em mim e embarcou nessa aventura comigo quando decidi cursar Relações Internacionais na PUC. Obrigada por todos os sacrifícios que fez para eu conseguir chegar onde cheguei e a me dar colo quando precisava. Também à minha irmã Gabriela, que sempre esteve disposta a me ensinar e me auxiliar nos estudos e na vida.

À Davi José, meu namorado, que sempre me deu apoio nos estudos mesmo não sendo da mesma área que eu. Obrigada por ouvir atenciosamente minhas explicações enquanto eu estudava, meus desabafos sobre a faculdade e por me dar doces nessa reta final.

Ao meu orientador, Marcelo Nonnenberg, que sempre esteve disposto a me auxiliar ao longo da escrita do presente trabalho. Seus comentários e feedbacks foram importantes para o resultado final desse processo. Também quero agradecer aos professores com quem tive contato durante esses quatro anos na PUC, os conhecimentos transmitidos foram imprescindíveis para minha formação e os levarei em toda a minha caminhada profissional.

Aos meus amigos, que conheci na PUC e que tornaram essa jornada muito mais leve. Obrigada pelas risadas, conversas de bebedouro e estudos em grupo nas vésperas das provas. Que a nossa amizade seja duradoura.

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso foi elaborado com o objetivo de analisar o trajeto dos investimentos chineses no exterior e quais são os objetivos por trás deles. Minha hipótese é de que o direcionamento desses investimentos está intimamente ligado ao planejamento estatal chinês de acordo com o nível do processo desenvolvimentista. Para demonstrar esse ponto, inicialmente será apresentado um panorama geral sobre as reformas iniciadas no país em 1979 e como elas induziram a uma maior participação chinesa no comércio internacional. Após isso, será destacado como o avanço no desenvolvimento influenciou no escoamento do capital chinês pelo mundo, e como a crise financeira mundial de 2008 acelerou esse processo. Assim, no capítulo três será debatido sobre os modos que a China utiliza para expressar seus investimentos e qual o diferencial entre eles. Já no capítulo quatro, haverá uma exploração acerca das regiões receptoras com mais destaque. O quinto capítulo será dedicado ao estudo sobre a Belt & Road Initiative e como ela representa uma nova etapa no projeto desenvolvimentista chinês. Por fim, concluo com reflexões acerca do tema.

### **Palavras-chave:**

China; Investimentos Estrangeiros; Desenvolvimento;

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1: O CRESCIMENTO CHINÊS .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 2: A DECISÃO DE INVESTIR .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 3: QUAIS SÃO OS INVESTIMENTOS EXTERNOS CHINESES .....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 4: PRINCIPAIS DESTINOS DOS INVESTIMENTOS .....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 5: NOVA ESTRATÉGIA: A BELT &amp; ROAD INITIATIVE .....</b>	<b>42</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>BIBLIOGRAFIA: .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente, a China é a segunda maior economia e o terceiro maior país investidor do mundo. Esse forte desempenho econômico é resultado de diversas mudanças estruturais iniciadas por Deng Xiaoping em 1978 que tinham como objetivo ampliar a participação do país no comércio internacional além de se tornar um atrativo para investimentos externos. Assim, a China passou a ser grande foco desses investimentos, apresentando 10,14% de crescimento do PIB entre 1980 e 2000, e 10,85% entre 2000 e 2010 (BRANDÃO, 2017, p.2).

Esse crescimento baseado na atração de investimentos e com foco na urbanização e industrialização resultou no excesso de capacidade instalada em diversas indústrias do país. Conseqüentemente, houve uma pressão pela abertura de novas possibilidades para o capital enquanto o país buscava meios de tornar a economia menos dependente do mercado interno (HIRATUKA, 2018, p.3). Como forma de extravasar esse acúmulo de capital adquirido ao longo dos anos de crescimento, o país adotou a estratégia de internacionalização do capital focando em decisões que resultassem em maiores ganhos como a continuação do desenvolvimento econômico e da modernização.

Nesse sentido, os investimentos chineses se mostram consistentes em regiões como a Europa, Sudeste Asiático, Estados Unidos e América Latina. Entretanto, há uma diferença entre as áreas investidas nos países em desenvolvimento, onde o investimento é concentrado nos setores de recursos naturais e infraestrutura, e os desenvolvidos, onde há maior interesse em áreas como finanças, tecnologia e serviços (OLIVEIRA, 2020, p.15).

Além disso, a China também tem investido em megaprojetos de infraestrutura para sustentar seu crescimento econômico. Nesse contexto destaca-se a Belt & Road Initiative, considerada a maior ambição econômica internacional da China e que irá estimular o desenvolvimento de uma vasta região que inclui sub-regiões da Ásia, Europa e África. (HUANG, 2016, p.1)

O direcionamento desses investimentos segue a estratégia adotada pelo governo chinês, que controla historicamente esse fluxo através de estímulos à internacionalização para as empresas ou imposição de medidas para impedir o avanço no exterior. Assim, é possível compreender que a movimentação desses investimentos depende diretamente da política governamental.

Desta forma, o objetivo do presente trabalho é compreender melhor a escolha e o retorno esperado por trás de cada destino desses investimentos. Para isso, iremos analisar os motivos que levaram a China a investir no exterior, quais são os principais setores investidos nas regiões receptoras mais visadas e quais os benefícios adquiridos pelo país nesse processo.

Deste modo, o primeiro capítulo do presente trabalho dissertará sobre como se deu o processo de crescimento chinês, desenrolando sobre os fatores que levaram a tal e quais as estratégias adotadas pelo governo para iniciar e dar continuidade ao projeto de desenvolvimento. O capítulo seguinte apresentará os motivos que fizeram o país investir no exterior ao longo dos anos, diversificando os setores de acordo com a etapa de desenvolvimento que se encontrava. No terceiro capítulo será feita uma diferenciação sobre os tipos de investimentos externos realizados e o porquê de serem escolhidos. No quarto capítulo haverá um mapeamento dos destinos dos investimentos e quais são as intenções por trás desses locais. Por fim, o trabalho focará da Iniciativa Belt & Road e como ela representa o futuro da atuação chinesa no exterior.



## **CAPÍTULO 1: O CRESCIMENTO CHINÊS**

Antes das reformas iniciadas por Deng Xiaoping no final dos anos 70, a China se encontrava em uma situação de pobreza há séculos, chegando a ter a renda per capita de U\$ 154 em 1978. Atrelado a isso, o comércio internacional representava apenas 9,7% do PIB, ilustrando um país voltado para seu mercado interno. (LIN, 2013, p.1)

Em 1979 Deng Xiaoping inicia diversas reformas, adotando uma estratégia de abertura comercial e “importando o que o resto do mundo sabe e exportando o que o mundo quer” (LIN, 2013, p.4). Nesse mesmo período, vários outros países em desenvolvimento adotaram medidas similares, mas não foram tão bem-sucedidos quanto a China. Essa diferença de resultados se deve pelas condições específicas que o país possuía e que foram estrategicamente aplicadas no momento certo.

Desta forma, o expressivo crescimento chinês no século XX se deu pela união de fatores geográficos, históricos, políticos e econômicos específicos que a China possuía e que soube utilizá-los estrategicamente de acordo com seus planos de desenvolvimento. (NONNENBERG, 2010, p. 3)

O primeiro fator a ser analisado é o processo de liberalização gradual do sistema de formação de preços que eram fixados pelo Governo Central. A partir de 1979 foi adotado um sistema duplo, em que o Governo estabelecia uma cota de produção que os trabalhadores de fazendas coletivas e as empresas estatais deveriam entregar a um preço predeterminado. Após a entrega das obrigações estabelecidas, o que restasse era livre para ser negociado no mercado. Esse fator foi fundamental para a elevação da produtividade rural além de refletir na renda e no emprego do país. Além disso, esse processo possibilitou a liberalização gradativa dos preços. (LIN, 2013, p. 6; NONNENBERG, 2010, p. 4)

Ao mesmo tempo, a China passou a liberar a entrada de empresas privadas, a formação de joint ventures e o investimento estrangeiro direto em setores intensivos em mão-de-obra que, apesar do país ter vantagem comparativa, eram reprimidos antes dessa transição. Entretanto, para evitar que as antigas indústrias colapsassem, o governo continuou a fornecer as proteções necessárias. Desta forma, o país permitiu o crescimento dinâmico dos setores

recém-liberados enquanto criou condições para que os setores mais antigos fossem reformados. (LIN, 2013, p.6)

Assim, com a liberalização gradual do comércio exterior, esse campo deixa de ser totalmente planejado pela autoridade central. O primeiro passo nessa mudança foi a implementação de altas tarifas aduaneiras ao invés dos controles sobre as importações, mas que seriam reduzidas futuramente. Depois, no início da década de 1980, houve a substituição do sistema de planejamento de importações por barreiras não-tarifárias. A partir do final da década de 90, a China acelerou esse processo de liberalização com o objetivo de ingressar na Organização Mundial do Comércio. (NONNENBERG, 2010, p. 4)

A partir de 1980, com o objetivo de atrair investimentos diretos externos, a China criou Zonas Econômicas Especiais (ZEEs). O crescimento de Hong Kong nesse período enfrentava limites físicos, principalmente nos setores mais intensivos de mão de obra. Para amenizar esse problema e facilitar o deslocamento da produção industrial para a República Popular da China, o projeto piloto das ZEEs foi aplicado em locais próximos a HK: em Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen. Assim, essas zonas receberam políticas de atração de investimentos como o tratamento administrativo preferencial e isenções tarifárias. Com o sucesso dessas Zonas, Hong Kong passou a focar em produtos de maior tecnologia e o governo chinês criou mais 14 ZEEs ao longo do litoral, transformando o local em uma fonte de investimentos estrangeiros. (ACIOLY, 2005, p. 5; NONNENBERG, 2010, p. 4)

O aumento dos Investimentos Diretos Externos (IDEs) também foram fundamentais para o crescimento chinês. Inicialmente, as multinacionais foram incentivadas pela criação das ZEEs e os benefícios adquiridos por meio delas como: incentivos fiscais, terrenos, edificações, infraestrutura de energia e transporte, centros de pesquisa, laboratórios altamente equipados além do fácil acesso aos fornecedores. Assim, ocorreram transbordamentos tecnológicos e, conseqüentemente, um forte desenvolvimento tecnológico da China. Desta forma, os IDEs cresceram de US\$ 265 milhões para US\$ 138 bilhões entre 1981 e 2007. (NONNENBERG, 2010, p. 5)

O quarto elemento refere-se a grande quantidade de mão de obra rural presente na época. Apesar da agricultura ser o maior setor na economia, o tipo de mão de obra utilizada possuía baixa produtividade, o que facilitou o seu transporte para as cidades, onde a demanda crescia cada vez mais, enquanto os salários permaneciam baixos. (KROEBER, 2016, p. 27;

NONNENBERG, 2010 p. 4) Segundo o UNCTAD, em 1978 apenas aproximadamente 18% da população chinesa encontrava-se nas áreas urbanas, já em 2000 esse grupo representava 35.88%. (UNCTAD, 2021)

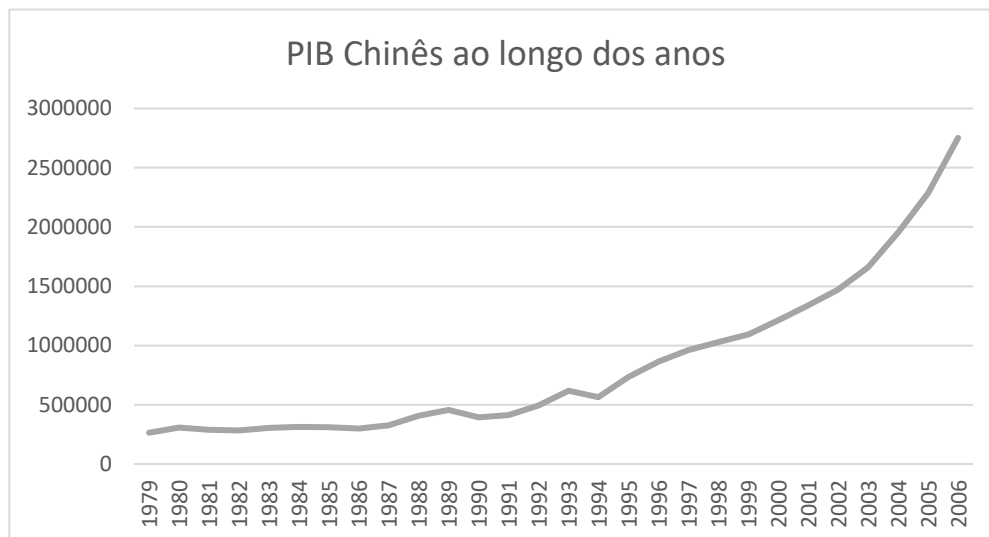
A falta de proteção à propriedade intelectual foi outro fator importante para o crescimento chinês. O país usava a estratégia de permitir a entrada empresas multinacionais no território se elas possuíssem sócios locais. Muitas dessas empresas vindas de países desenvolvidos reclamam que suas patentes e marcas registradas eram explicitamente copiadas por esses sócios locais. Assim, as empresas nacionais geralmente se apropriam ilegalmente do conhecimento vindo do exterior através dessas multinacionais e produzem produtos semelhantes e com preços menores. (NONNENBERG, 2010, p. 5; KROBER, 2016 p. 62)

A numérica população da China é outro fator extremamente relevante nesse processo. Essa condição facilitou a implementação das economias de escala na maioria das indústrias chinesas, reduzindo expressivamente os custos de produção. Assim o enorme tamanho do país deu a seus líderes a opção de um modelo de crescimento de alta velocidade que enfatizava a quantidade em vez da qualidade. (KROEBER, 2016, p. 23; NONNENBERG, 2010, p. 5)

Como visto anteriormente, políticas de incentivo à inovação e à transferência e produção de tecnologia e ciência são grandes atrativos de investimentos estrangeiros. Antes do ingresso do país na OMC, empresas estrangeiras só receberiam incentivos de acordo com os interesses de transferência de tecnologia ou de criação de centros de Pesquisa e Desenvolvimento na China. Assim, a partir da entrada do país na organização não era mais necessário cumprir obrigações em troca de incentivos, resultando no agrupamento de indústrias intensivas em conhecimento. (NONNENBERG, 2010, p. 5)

Desta forma, é possível observar que o crescimento chinês foi resultado da combinação efetiva de políticas governamentais com elementos geográficos e sociais que já eram presentes no país. Assim, o governo chinês, através das reformas realizadas, soube aproveitar o período de retomada do crescimento dos fluxos globais do investimento direto externo pós recessão do início dos anos 1980. (ACIOLY, 2005, p.1)

Deste modo, o resultado das reformas estruturais e da abertura chinesa foi o crescimento acelerado do PIB e a notável melhora no processo de desenvolvimento econômico.



Fonte: UNCTAD (Elaboração própria)

Segundo Wang, Wen e Han (2012, p. 3), os investimentos externos diretos têm sido considerados como maiores impulsionadores do crescimento econômico do país, chegando a ser o segundo maior receptor em 1993, após os EUA. O aumento no fluxo de investimento recebido pela China foi resultado das reformas citadas anteriormente, haja vista que o país representava aproximadamente 0,11% de todos os fluxos mundiais de IDE em 1980 e chegou próximo a 9,2% em 2019. (UNCTAD, 2021)



Fonte: UNCTAD (Elaboração própria)

Inicialmente, as primeiras reformas realizadas pelo governo tinham o objetivo de atrair investimentos estrangeiros com foco em setores mais intensivos em trabalho, principalmente pelos baixos salários dos trabalhadores dessa área. Com essa decisão, a China conseguiu acumular moeda estrangeira e importar, aumentando sua participação no comércio internacional. Através desse acúmulo de capital, junto à urbanização e à industrialização, o crescimento chinês cresceu a taxas maiores que a mundial, além de permitir a diversificação da base produtiva (BRANDÃO, 2017, p. 2; OLIVEIRA, 2020, p. 35).

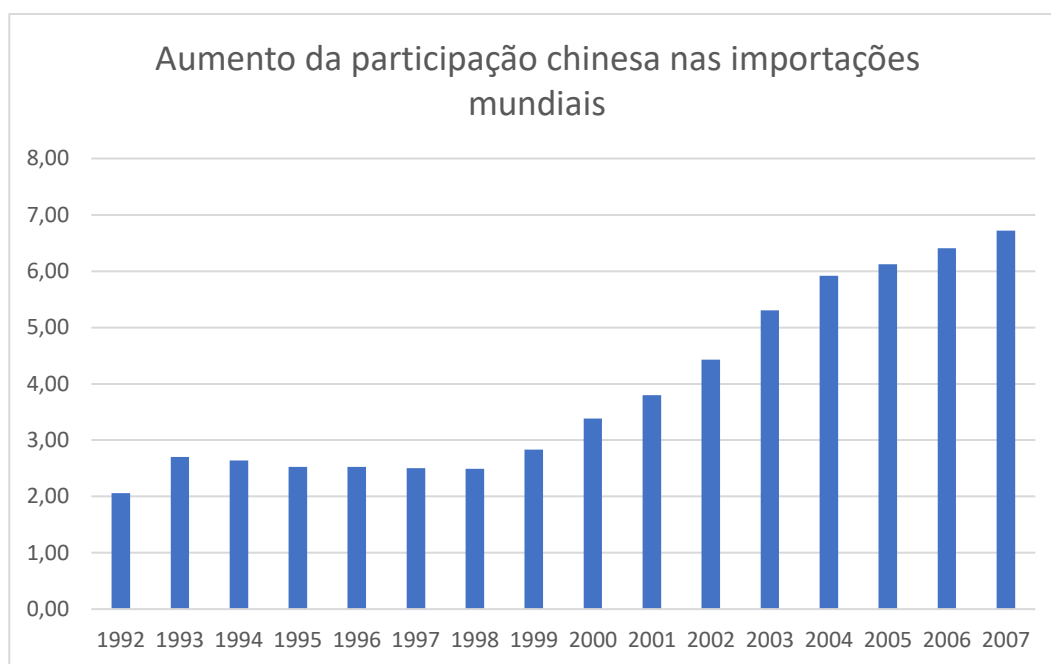
A partir de 1986, com o início da segunda fase da abertura ao IDE, o governo buscou deslocar esses investimentos dos setores menos intensivos em tecnologia para a indústria de transformação, para setores export-oriented e de alta tecnologia. (ACIOLY, 2005, p.2; BRANDÃO, p.2). Desse modo, o IDE no setor primário caiu de 40,9% em 1988 para 3,1% em 1993, ilustrando como o setor manufatureiro passou a ser o foco dos investimentos diretos externos (World Bank, 1997).

Com isso, grandes conglomerados industriais passaram a acumular cada vez mais capital financeiro e produtivo, influenciando diretamente no desenvolvimento econômico chinês. Na entrada da década de 1990, percebe-se que a competitividade chinesa estava principalmente nas indústrias de manufatura, eletrônicos, tecnologias de informação e comunicação, como Haier, TCL, Lenovo, Huawei e ZTE. Consequentemente, essa mudança de produção necessita de uma mão de obra qualificada, resultando em um encarecimento dela. (BRANDÃO, 2017, p. 2; WANG, WEN E HAN, 2012, p. 3)

Essa situação interferia negativamente na competitividade chinesa. Na busca de compensar essa mudança, o país decidiu alterar a sua estrutura produtiva passando a se dedicar a produção de bens com maior valor agregado, conhecimento e P&D. Assim, a China iniciou um processo de catching up tecnológico, produzindo e exportando bens mais intensivos em tecnologia. (BRANDÃO, 2017, p. 19)

Com essa mudança, a quantidade de recursos e produtos manufaturados ofertados já não era mais capaz de suprir a extensa população chinesa e manter o dinamismo das grandes empresas ao mesmo tempo. Desta forma, houve a necessidade de o estado passar a importar grande quantidade de matérias-primas e insumos, impactando os mercados globais de commodities devido a sua forte demanda. (OLIVEIRA, 2020, p. 37)

O gráfico abaixo demonstra o aumento da participação da China nas importações totais do mundo a partir de 1992, representando 2,06% das importações mundiais, até 6,72% em 2007. Essa alta na demanda por commodities representou um crescimento da participação chinesa nas importações mundiais.



Fonte: UNCTAD (Elaboração própria)

Assim, a necessidade de garantir a continuidade no projeto de modernização e de catching-up tecnológico foi uma das principais motivações para o início do processo de internacionalização chinesa.

## **CAPÍTULO 2: A DECISÃO DE INVESTIR**

Como foi demonstrado no capítulo anterior, a China passou por várias fases no seu projeto de desenvolvimento. Os investimentos realizados pelo país dentro e fora do seu território acompanharam essas etapas e foram essenciais para esse processo. O objetivo desse capítulo é analisar como essas etapas influenciaram a decisão do governo de investir no exterior.

- **Investimentos antes da crise de 2008/9**

As reformas iniciadas no final dos anos 1970 promoveram uma política de fortalecimento das empresas nacionais, transformando-as em atrativos de grandes volumes de investimentos, além de promover o adensamento de várias cadeias produtivas. Junto com isso houve a abertura da economia chinesa, provocando mudanças significativas na estrutura produtiva do país. Atrelado a isso está a expansão das relações comerciais com o exterior e o aumento gradual da entrada do capital estrangeiro, formando assim um acúmulo de reservas cambiais. (ACIOLY, 2011, p. 67)

Esses elementos foram fundamentais para o processo de modernização chinês que, com o tempo, demandava cada vez mais recursos. Assim, para dar continuidade a industrialização e urbanização era necessário obter grandes quantidades de commodities como alumínio, ferro, cimento, alimentos e energia, entre outros recursos que não são abundantes na China. Como um meio de resolver essa demanda, o país passou a importar muitos desses produtos. (ROSEN & HANEMANN, 2009, p. 8; OLIVEIRA, 2020, p. 40)

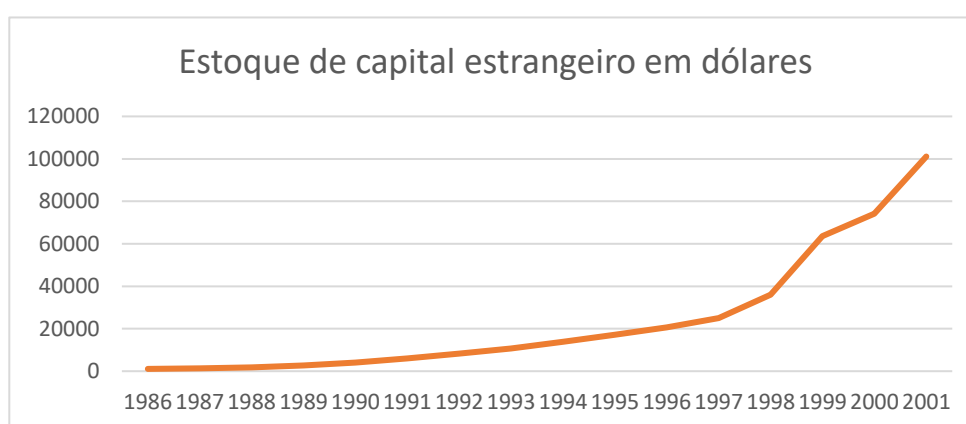
Assim, como forma de garantir a oferta abundante desses recursos, à medida que as empresas chinesas se tornavam competitivas no mercado internacional, o governo passou a incentivá-las a saírem do país em busca de ativos. Entre as políticas adotadas para ampliar a internacionalização dessas empresas estão: incentivos tributários, aconselhamento e assessoramento de riscos, seguros e delegações oficiais a fim de criar conexões com economias estrangeiras. (OLIVEIRA, 2020, p. 41)

Segundo Acioly, (2011, p. 68):

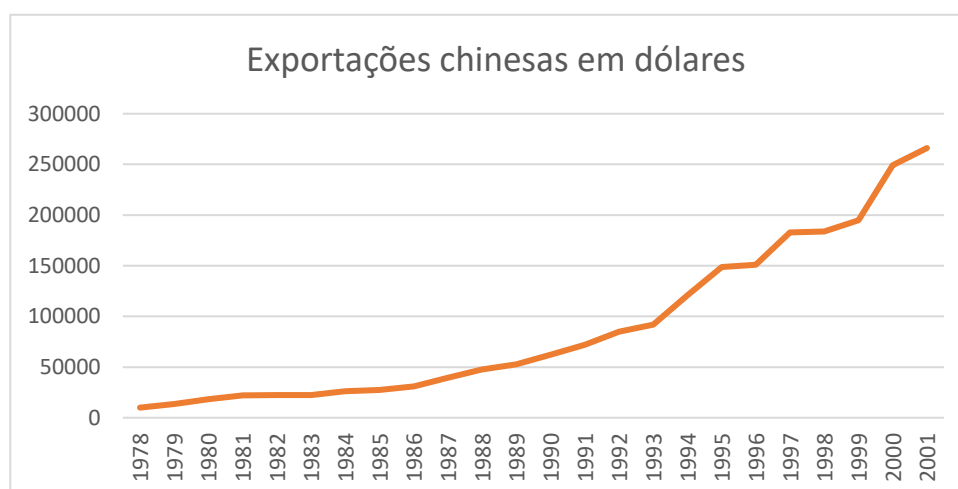
“O objetivo era garantir o acesso a recursos estratégicos e mercados de consumos em expansão, além de realizar fusões e aquisições que

permitted the expansion of production networks and the physical structure of its companies, whose objective was to expand and modernize the national productive structure.”

The financing of the internationalization of Chinese companies was made possible by the foreign exchange reserves acquired through the entry of foreign capital and the strong increase in the export of manufactured products. In search of the sustainability of the balance of payments, China built a broad export base and attracted large flows of FDI. Thus, the country formed a high level of reserves, resulting in an increase in Chinese investments in the 90s. (ACIOLY, 2011, p. 68)

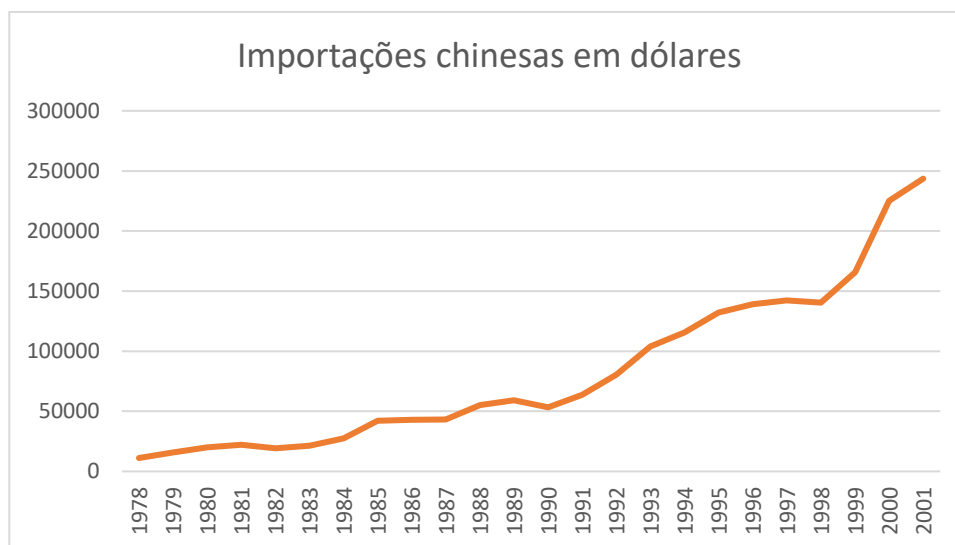


Fonte: UNCTAD (Elaboração própria)



Fonte: UNCTAD (Elaboração própria)



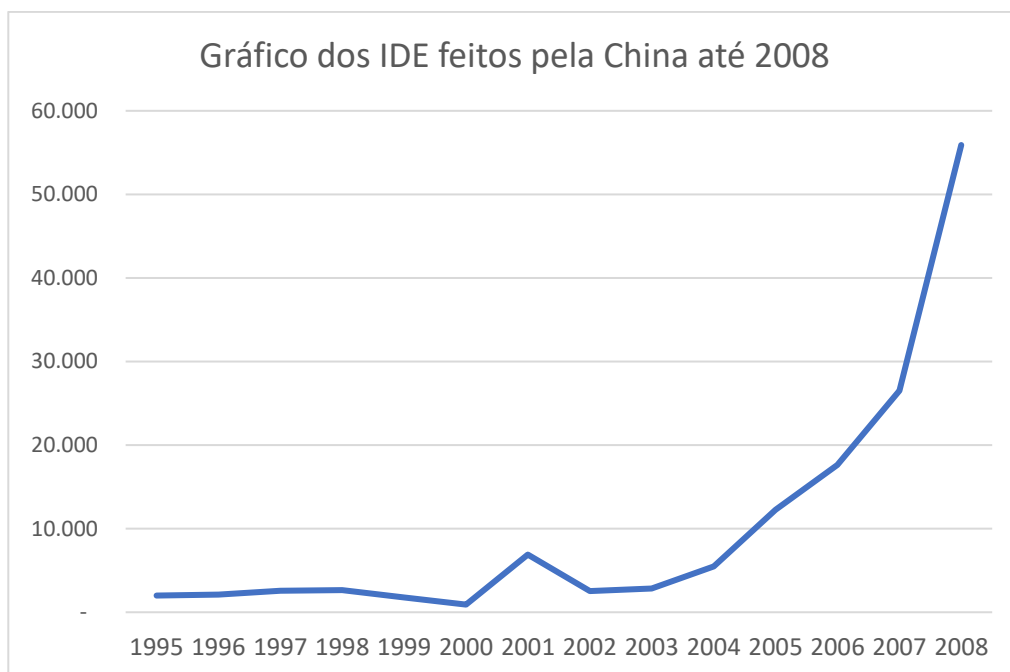


Fonte: UNCTAD (Elaboração própria)

Seguindo a iniciativa de aumentar os investimentos feitos no exterior, em outubro de 2000, o governo chinês anunciou a estratégia “Go global” como parte de um plano de desenvolvimento a longo prazo com foco em inovação. Essa política foi estabelecida buscando reduzir a interferência governamental direta, diminuir os requisitos para o processo de saída de capital e facilitar o financiamento de investimento realizado no exterior. Nesse contexto, o país agiu para aumentar a competitividade e ampliar a sua presença no cenário internacional (DENG, 2007, p. 72).

A partir dessa estratégia, o governo passou descentralizar e relaxar as autorizações para facilitar a saída das empresas e assim aumentar ainda mais o investimento direto chinês no exterior. Para isso, mecanismos de financiamento e facilitação de processos administrativos foram fornecidos junto com a construção e o financiamento de megaprojetos de infraestrutura como rodovias, portos, ferrovias, que auxiliassem a integração física a outras regiões, principalmente na Eurásia, América Latina, África e na sub-região do Grande Mekong. (CINTRA, p. 14)

Assim, com a estratégia “Go global” a China aumentou seus investimentos feitos no exterior. Como mostra o gráfico abaixo, os anos 2000 foram marcados pelo crescimento desses investimentos passando de US\$ 916 milhões em 2000 para US\$ 55.907 milhões em 2008. (UNCTAD, 2021)



Fonte: UNCTAD (Gráfico em milhões de dólares)

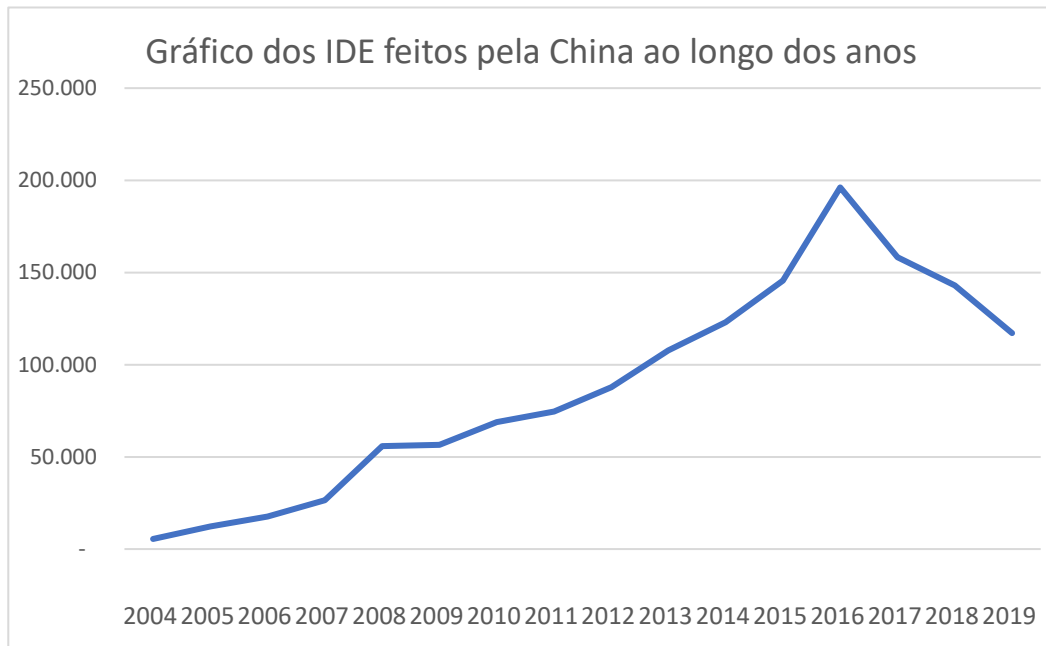
Inicialmente, um dos principais motivos para a internacionalização do capital chinês é o “resource-seeking”, ou seja, a busca por insumos, principalmente quando analisamos os investimentos feitos em países em desenvolvimento. O processo de industrialização e urbanização de uma grande população necessita que haja a importação de alimentos e recursos naturais como metais e petróleo. Ademais, a escassez da área agriculturável e dos recursos internos chineses acarretou uma demanda por importados, principalmente de commodities, no início dos anos 2000. (OLIVEIRA, 2020, p. 45)

Assim, a estratégia “Go Global” tem como um dos objetivos assegurar os recursos nos países importadores que são imprescindíveis a cadeia de produção chinesa. Outro ponto relevante é que esse planejamento também foi pensado com a preocupação com a volatilidade dos preços das commodities devido a alta demanda. (OLIVEIRA, 2020, p. 45; ACIOLY, 2011, p.58)

Outro objetivo chinês com essas medidas era a abertura de novos canais econômicos a fim de ampliar os investimentos e o comércio dos seus produtos. Isso porque, o país passava por um momento que possuía excedentes de produção em diversos setores, como equipamentos de construção, alumínio, energia solar, entre outros. Assim, havia a necessidade de ampliar os caminhos de comércio para assegurar a demanda para a capacidade ociosa que a indústria pesada apresentava. (CINTRA, p.14)

- **Investimentos após a crise**

Apesar dos avanços nos investimentos após o início do programa “Go Global”, eles não eram tão fortes e nem tão expandidos. A expressão chinesa nesse sentido ganhou força após a crise de 2008-2009, quando o patamar foi de US\$ 56 bilhões até US\$ 158 bilhões em 2017, como mostra o gráfico a seguir.



Fonte: UNCTAD (Gráfico em milhões de dólares)

O planejamento estatal fez com que o processo de desenvolvimento permanecesse forte ao longo dos anos. A taxa de investimento suportou a intensa mudança estrutural associada à urbanização e implantação de infraestrutura, ao mesmo tempo que existe uma forte expansão em setores da indústria pesada e bens duráveis. Esse processo evoluiu sem abandonar os setores manufatureiros articulados em cadeias globais, como a indústria leve intensiva em mão de obra e outros setores de eletrônicos, comunicação, informação e máquinas. (HIRATUKA, 2018, p. 6)

A crise financeira global que ocorreu em 2008 impactou a economia chinesa apesar de seu sistema financeiro fechado não ter sido diretamente afetado. Os países do Atlântico Norte, como os EUA e os países europeus, foram os principais afetados, causando uma redução na demanda por exportações chinesas em 2009, como pode ser visto no gráfico abaixo. Assim, o financiamento do comércio secou e a economia global enfraqueceu,

resultando na maior queda anual no valor das exportações vista na história chinesa até aquele momento. (KROEBER, 2016, p.216)



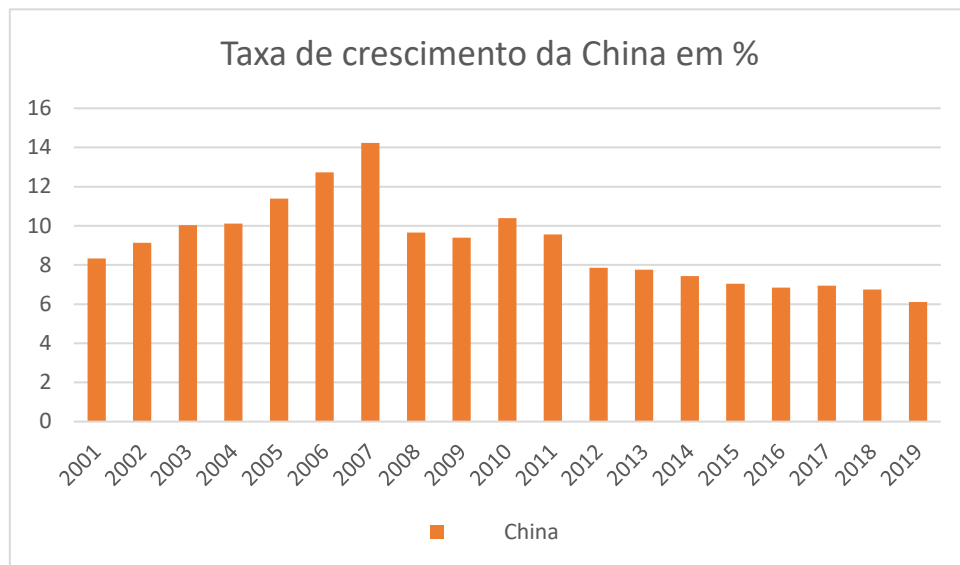
Fonte: WITS (Gráfico em dólares)

Nesse cenário, o objetivo chinês imediato era manter o ritmo de crescimento apresentado anteriormente. Assim, foi criado um plano para manter a taxa de crescimento econômico de pelo menos 8%, o que seria o necessário para garantir um crescimento satisfatório do emprego. O governo passou a estimular ainda mais os investimentos através da liberalização de créditos e estímulos fiscais. Nesse sentido, o país foi bem-sucedido já que o crescimento do PIB foi em média superior a 9,5% ao ano em 2009-2011. (KROEBER, 2016, p. 216; HIRATUKA, 2018, p. 6)

Ao mesmo tempo que os países desenvolvidos reduziram suas demandas, a competição entre os países em desenvolvimento aumentou. A corrida por produtos manufaturados se torna mais acirrada e, por isso, a diferenciação e a tecnologia se tornam pontos cruciais para o sucesso nos mercados globais. Essa estratégia se mostrou eficaz nos anos imediatamente posteriores à crise, pois evitou uma possível redução drástica no crescimento do PIB. (OLIVEIRA, 2020, p. 38; HIRATUKA, 2018, p. 6)

No entanto, mesmo com as medidas adotadas pelo governo chinês, o cenário internacional se tornou pior, principalmente na União Europeia a partir de 2011, evidenciando a dificuldade de superação da crise global. O próprio crescimento da economia

chinesa foi abaixo de 8% em 2012, pela primeira vez no século 21, e assim se manteve nos anos seguintes (HIRATUKA, 2018, p. 6).



Fonte: UNCTAD (Elaboração própria)

Enquanto a demanda global foi reduzida por conta da crise, o aumento da capacidade de produção expandiu fortemente a capacidade ociosa em diversos setores industriais. Segundo Hiratuka (2018, p. 6), o crescimento fortemente baseado na expansão dos investimentos por meio de incentivos governamentais e impulsionado pela ligação entre a urbanização e a industrialização resultou em excesso de capacidade em setores como aço, alumínio, refino de petróleo, cimento, vidro e papel e celulose. Com isso aumentou-se a pressão pelas saídas de capital e mudanças em direção a uma economia menos dependente da formação bruta de capital no mercado interno. Conseqüentemente, tensões comerciais no mercado global aumentaram devido a políticas agressivas adotadas na busca de mercado externo para ocupar a capacidade produtiva das empresas chinesas.

Nesse momento, em um mundo com o crescimento mais lento, a competição no mercado de manufaturados se torna acirrada e produtos com mais diferenciação e com maior padrão tecnológico levam vantagem. Por isso, a China passa a intensificar seus investimentos internos e externos com foco em um modelo de serviços e produtos com maior valor agregado. Além disso, o país tem buscado adquirir empresas europeias e americanas presentes em setores estratégicos, como energia, finanças e tecnologia, para acessar novos mercados e realizar o *catching-up* através da internacionalização. (OLIVEIRA, 2020, p. 38)

Essa nova estratégia é apontada no 13º Plano Quinquenal, destacando a busca de economia menos dependente em setores intensivos em capital para sustentar o crescimento em torno do nível estabelecido de 6,5% entre 2016 e 2020. Nessa transição, grande ênfase é dada ao aumento das atividades inovadoras, com o objetivo de fazer com que a taxa de investimento em P&D atinja 2,5% até 2020. (HIRATUKA, 2018, p. 7)

Assim, questões envolvendo o aumento da capacidade de inovação e redução da dependência tecnológica estrangeira foram incorporadas ao 13º Plano Quinquenal. Nesse planejamento, foi demarcado um conjunto de prioridades que englobava elementos como: novos veículos elétricos, tecnologia da informação de última geração, biotecnologia, novos materiais, setor aeroespacial, engenharia oceânica e navios de alta tecnologia, equipamentos ferroviários avançados, robótica, equipamentos de energia e máquinas agrícolas. Além disso, nesse documento é definida uma lista de metas com indicadores de inovação, da qualidade do produto e de patentes. (HIRATUKA, 2018, p. 7)

Desta forma, a crise financeira de 2008 e a retração econômica decorrente dela se tornaram um ponto de inflexão na estratégia econômica chinesa. A partir desse acontecimento, o país teve a necessidade de encontrar novos motores de crescimento utilizando uma política externa proativa. Assim, a remodelação do planejamento de desenvolvimento ainda liderado pelo Estado, diversificou o sistema de financiamento e promoveu o desenvolvimento de instituições e ferramentas de financiamento para apoiar os investimentos industriais. (JACARIBE, 2017, p.20)

Apesar de existirem prioridades constantes nos destinos desses investimentos, é possível perceber que ocorreram mudanças de foco. Inicialmente havia uma concentração em recursos naturais enquanto atualmente os investimentos são direcionados para diferentes áreas da economia de produção e serviços como a manufatura de ponta, tecnologia da informação, setor imobiliário e serviços financeiros. (JACARIBE, 2017, p.23). Analisando os dados dos investimentos diretos da China no exterior é possível ilustrar essa mudança. Em 2010, os setores de energia e mineração concentravam 57,5% desses investimentos, enquanto o campo da tecnologia ficava com apenas 2,17%. Já em 2016, o setor de tecnologia cresceu para 9,75% e o setor de energia passou a receber 28,89% como demonstra a tabela abaixo.

**Tabela: Portagem de investimentos destinada a cada setor**

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Agriculture	1,10	1,15	0,50	0,66	0,91	3,43	3,16	3,91	8,08	5,06	0,93	3,35	18,63	1,33	1,85	0,00
Chemicals	2,76	1,03	2,14	1,66	0,00	2,84	4,39	0,00	1,68	1,24	1,48	1,42	0,64	2,26	2,94	3,33
Energy	45,80	43,50	29,23	35,54	58,00	57,50	44,40	47,59	44,44	33,87	32,91	28,89	20,90	25,15	35,25	32,85
Entertainment	0,00	0,00	0,22	0,00	0,19	0,37	0,41	2,31	0,36	1,55	1,96	9,10	2,44	2,51	6,73	6,57
Finance	0,00	0,24	35,70	5,30	3,33	2,66	1,86	2,11	0,73	3,84	6,83	1,24	6,26	2,30	1,16	2,26
Health	0,00	0,00	0,00	0,52	0,25	0,24	0,09	0,81	1,54	0,35	1,42	1,53	2,28	3,31	1,50	1,90
Logistics	0,00	0,00	0,70	0,00	0,11	0,23	1,27	0,80	1,02	0,53	3,38	1,45	9,51	0,45	0,68	3,10
Metals	17,21	18,38	17,31	26,09	11,52	13,11	12,10	12,56	7,14	10,20	4,72	2,44	2,61	11,28	7,05	6,90
Other	0,00	0,29	0,22	0,90	0,94	1,36	1,90	2,82	1,23	1,29	2,09	5,44	3,45	7,65	4,12	3,79
Real estate	10,12	6,61	5,58	6,77	8,59	5,62	10,05	7,70	11,46	14,17	12,79	9,37	9,85	7,33	8,00	4,78
Technology	9,08	7,09	1,12	0,46	2,80	2,17	1,80	2,25	3,52	4,91	4,82	9,75	1,37	4,94	3,76	4,31
Tourism	0,00	0,00	0,26	2,54	0,27	0,11	0,26	0,33	3,26	4,67	2,28	9,32	2,23	0,40	1,65	0,44
Transport	12,62	21,31	6,84	19,04	12,64	8,72	17,80	14,38	14,27	16,71	22,21	13,96	18,63	29,95	22,28	27,31
Utilities	1,30	0,41	0,18	0,51	0,44	1,63	0,49	2,42	1,27	1,61	2,19	2,75	1,20	1,14	3,02	2,46

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Desta forma, ao longo do processo de expansão do IDE chinês pode-se observar que esses investimentos foram direcionados de acordo com objetivos traçados pelo governo. Cintra (2017, p. 15) lista cinco pontos principais que foram observados na tomada de decisão do governo: assegurar o acesso às fontes de recursos naturais através das políticas de investimentos encabeçados por corporações estatais; tornar as empresas chinesas mais competitivas; buscar melhor tecnologia por meio da aquisição de firmas estrangeiras, principalmente as localizadas na Europa e nos Estados Unidos; assegurar a demanda no curto prazo para a capacidade produtiva ociosa da indústria pesada chinesa no curto prazo; e aumentar a influência política da China no mundo, sobretudo na Ásia e seu entorno através de megaprojetos de infraestrutura.

## **CAPÍTULO 3: QUAIS SÃO OS INVESTIMENTOS EXTERNOS CHINESES**

No capítulo anterior vimos as motivações que levaram a China a investir externamente. Esse capítulo busca explicar os motivos que levam o país a decidir o modo de investimento que será adotado dependendo da situação encontrada e quais serão os benefícios extraídos de tal ação.

Como foi demonstrado no capítulo anterior, vários projetos conduzidos em países desenvolvidos por multinacionais chinesas são estimulados pela busca de recursos estratégicos, como melhores tecnologias e conhecimento em marketing. Esses investimentos são realizados em geral por meio de dois meios: investimentos Greenfield e Fusões e Aquisições (F&A) (DENG, 2007, p.74).

Assim, a decisão entre as formas que o investimento direto será realizado por empresas estrangeiras em um país anfitrião depende de como a transação será feita. Em linhas gerais, o investimento Greenfield envolve principalmente ativos recém-criados sob controle de empresas estrangeiras, enquanto as fusões e aquisições (M & A) envolvem apenas uma transferência de ativos existentes entre firmas. (CALDERON, p 9)

- Greenfield entry

Investimentos do tipo Greenfield estão ligados à criação de subsidiárias da empresa em outro país, podendo ser a construção de novas plantas ou escritórios, ou novas estruturas produtivas naquele local. (OLIVEIRA, 2020, p. 20)

O questionamento presente é sobre quais seriam os motivos que levariam empresas chinesas a abrir subsidiárias em regiões com custos muito maiores que na própria China. Segundo Deng (2007, p. 75), a grande motivação para as empresas tomarem essa decisão está no desejo de manter o design e a produção atrativos aos mercados de locais como os EUA. Assim, ao manter a planta de produção nos Estados Unidos, por exemplo, a empresa busca aproveitar a experiência do país em questões como pesquisa, inovação e tecnologia para alavancar a marca a nível global.

Desta forma, várias multinacionais chinesas utilizam os investimentos Greenfield para criar centros de P&D no exterior, especialmente em países desenvolvidos. A



implantação dessas subsidiárias de P&D demonstra a motivação estratégica da empresa já que com esse o investimento não se pretende apenas adquirir os ativos tecnológicos estrangeiros, mas também capturar as externalidades criadas pelos clusters de tecnologia do país anfitrião. (DENG, 2007, p. 75)

O investimento Greenfield pode ser utilizado pelas empresas com a intenção de estabelecer joint ventures (JVs) de propriedade majoritária. As empresas tendem a optar por JVs quando as vantagens competitivas são constituídas por fortes oportunidades tecnológicas no ambiente industrial e habilidades tácitas. (DENG, 2007, p.75)

- Fusões e Aquisições (F&A)

As F&A são operações de compra e venda de participações em empresas e ativos já existentes. Segundo órgão como o FMI e a OCDE, o investimento entra nessa categoria quando há a compra de pelo menos 10% do controle da empresa ou ativos estrangeiro. (OLIVEIRA, 2020, p.20).

Esse tipo de operação se tornou o método mais utilizado entre as empresas chinesas que buscar investir seus recursos no exterior. Essa preferência se dá pelo fato desse método fornece acesso à tecnologia e ao estabelecimento de recursos de P&D mais rápido. (DENG, 2007, p.76)

Um exemplo relevante desse investimento foi a aquisição da divisão de computação pessoal da IBM pela Lenovo em 2005, tornando a chinesa a terceira maior companhia de computação pessoal do mundo. Com isso, a Lenovo adquiriu a linha de produtos “Think” e pode continuar utilizando a marca IBM. Além disso, o acordo permitiu que a empresa chinesa utilizasse as poderosas redes mundiais de distribuição e vendas da IBM e dos centros de pesquisa em Raleigh, Norte Carolina. (DENG, 2007, p.76)

Assim, as empresas utilizam as Fusões e Aquisições como meio de buscar recursos estratégicos, reduzir a incerteza relacionada a entrada de empresas em mercados estrangeiros e também podem projetar suas imagens no mercado internacional através da marca da empresa adquirida. (DENG, 2007, p. 77)

Desta forma, o formato dos investimentos chineses no exterior varia entre Greenfield e fusões e aquisições. Os investimentos Greenfield em grande parte das vezes são tendência para investimentos iniciais em recursos minerais e de energia, enquanto as fusões são meios

favoráveis para investimentos em tecnologia e fabricação, mas também para expandir os investimentos em setores tradicionais com oportunidades de mercado de longo prazo. (JACARIBE, 2017, p. 26)

## **CAPÍTULO 4: PRINCIPAIS DESTINOS DOS INVESTIMENTOS**

Como foi visto anteriormente, a China utiliza a internacionalização do seu capital como uma estratégia de desenvolvimento econômico, um instrumento de modernização do país, além de ser um meio de se posicionar vantajosamente nas relações de forças globais. Para extrair maiores benefícios, a China diferencia os setores alvos dos seus investimentos de acordo com o país destino. Entre os países em desenvolvimento há maior foco nos setores de recursos naturais e infraestrutura, enquanto nos países desenvolvidos ativos de maior valor estratégico, como finanças, tecnologia, serviços, são mais visados. (OLIVEIRA, 2020, p.15)

A diversificação entre as regiões e indústrias em que as empresas chinesas estão inseridas demonstra que suas motivações abrangem tanto a busca por recursos, expansão de mercado quanto a promoção de uma maior eficiência. Assim, existe uma grande diferenciação de região para região e de indústria para indústria. (CHEN & LUDENA, 2014, p. 11)

Assim, a distribuição do IDE chinês pelo mundo passou por mudanças no decorrer do tempo. No início da expansão dos investimentos, entre 1979 e 1991, o foco era a América do Norte e a Oceania, representando quase 80% do total, mas com um valor que não passava de US\$ 1 milhão por ano. Nesse período, o setor de recursos naturais era o mais visado, com a instalação de grandes projetos de empresas estatais para a mineração, extração de alumínio, petróleo, entre outros, na Austrália e no Canadá. (ACIOLY, 2011, p. 60; OECD, 2008)

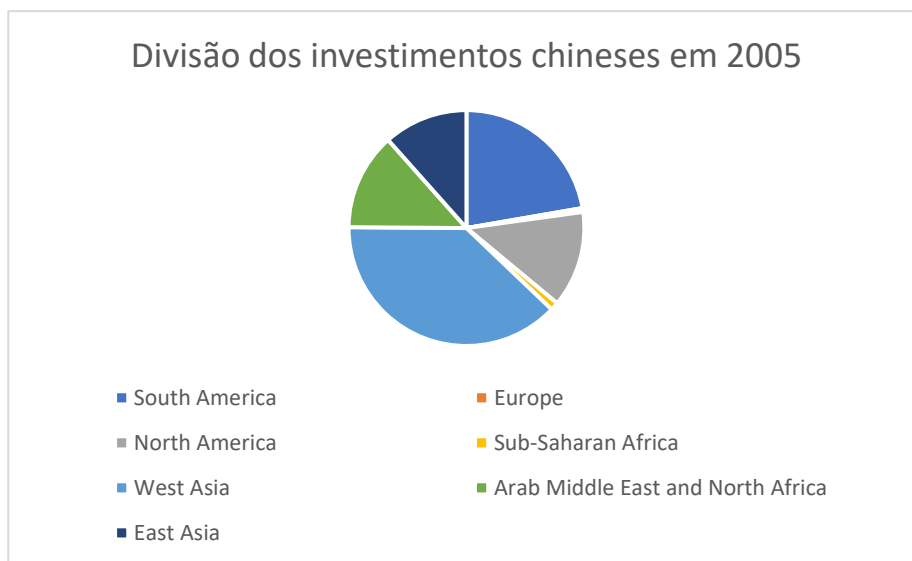
Como visto anteriormente, nos anos 2000 houve uma grande ampliação do volume de investimentos chineses. Assim, o IDE foi de aproximadamente US\$ 5 bilhões em 2004 para US\$ 56,5 bilhões em 2009. Através da tabela abaixo com dados retirados do China Global Investment Tracker, é possível perceber que os valores desse período englobam a participação de diversas regiões. Entretanto, apesar da diversificação, grande parte volume de recursos foi direcionado para a África e Ásia. Assim, durante esse período, a China redirecionou gradualmente seus investimentos dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento, em especial para a própria Ásia. (ACIOLY, 2011, p. 60)

**Tabela: Porcentagem dos investimentos chinês nas regiões entre 2005 e 2009**

Regiões	2005	2006	2007	2008	2009
South America	22%	5%	3%	3%	3%
Europe	1%	3%	14%	16%	11%
North America	13%	0%	16%	6%	14%
Sub-Saharan Africa	1%	21%	20%	20%	13%
West Asia	37%	34%	27%	7%	16%
Arab Middle East and North Africa	13%	21%	11%	14%	21%
East Asia	11%	9%	5%	16%	11%

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Anteriormente, foi visto que a crise de 2008 tornou o mercado de manufaturados mais acirrado, forçando os países a buscarem a diferenciação e a aprimorarem suas tecnologias para manterem sua competitividade. Inserida nesse contexto, a China passou a diversificar o destino dos seus investimentos nos anos seguintes a crise (HIRATUKA, 2018, p. 6). Então, nos anos seguintes a crise o país passou a distribuir de maneira mais equilibrada a quantidade de investimento entregue a cada região. Os gráficos abaixo ilustram a diferença entre a divisão dos IDE recebidos em 2005, no início da expansão dos investimentos e em 2011, após a mudança de estratégia adotada em decorrência da crise de 2008.



Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)



Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Ao longo dos anos 2010, ocorreram movimentações nas porcentagens de cada região receptora, como mostra a tabela abaixo. Apesar de manter um certo equilíbrio entre os locais, existem pontos que chamam atenção, como o crescimento do investimento na Europa em comparação aos demais e a grande queda no envio de investimentos à América do Norte.

**Tabela: Porcentagem dos investimentos chinês nas regiões entre 2011 e 2020**

Regiões	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
South America	12%	6%	8%	10%	7%	8%	5%	11%	8%	10%
Europe	18%	12%	10%	20%	19%	24%	40%	25%	24%	20%
North America	7%	23%	12%	14%	10%	24%	11%	10%	5%	2%
Sub-Saharan Africa	20%	22%	24%	14%	15%	10%	9%	13%	14%	11%
West Asia	11%	12%	17%	18%	16%	11%	11%	11%	18%	13%
Arab Middle East and North Africa	9%	7%	11%	7%	6%	8%	6%	12%	11%	9%
East Asia	14%	12%	11%	12%	20%	12%	15%	16%	18%	29%

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Segundo Jacaribe (2017, p.24), a geografia dos investimentos chineses revela uma divisão do trabalho. Os investimentos na África, na América Latina e em alguns países asiáticos são focados em áreas de energia e recursos naturais e infraestrutura relacionada a esses produtos. Enquanto isso, a Europa e os EUA recebem maiores investimentos em serviços, mídia, tecnologia de telecomunicações e manufatura de ponta.

Por isso, para compreender melhor a razão por trás dessa distribuição é preciso compreender as especificidades de cada região e o momento em que as decisões são tomadas. Assim, a seguir iremos analisar melhor como se dão os investimentos realizados nas regiões,

quais são os principais setores receptores de cada local e o objetivo chinês ao adotar essas estratégias e mudá-las ao longo dos anos.

Antes de detalhar o IDE chinês por região, é importante ressaltar que em todos os casos será perceptível uma queda em 2020. Isso porque, nesse ano houve uma crise sanitária global e sem precedentes, fazendo com que os países adotassem posturas isolacionistas. Conseqüentemente, a pandemia do novo coronavírus fez com que o IDE chinês caísse de 161 bilhões de dólares em 2019 para 64 bilhões de dólares no ano seguinte.

- América do Sul

A partir de 2002, com o ingresso da China na OMC e a realização de diversos acordos comerciais, de investimento e de cooperação, as relações comerciais entre o país e América Latina se fortaleceram. Assim o volume exportado pela América Latina para a China evoluiu de 2,1% do total em 2002 para 12% em 2011. (MEDEIROS & CITRA, 2015, p. 7)

Essas exportações concentraram-se em commodities devido ao “boom” que ocorreu nos primeiros anos da década de 2000. Nesse período, ocorreram grandes superávits devido ao aumento das exportações de alimentos e recursos naturais para a China, tanto em valor quanto em volume. (OLIVEIRA, 2020, p. 102).

**Tabela: Investimentos chineses na América do Sul entre 2005 e 2010 (em milhões de dólares)**

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Total	4.200	2.060	1.540	2.410	2.570	32.580
Agriculture	-	-	110	140	480	290
Chemicals	-	-	-	-	-	1.010
Energy	1.850	1.720	-	110	-	24.310
Finance	-	-	-	-	-	200
Health	-	-	-	-	-	-
Logistics	-	-	-	-	-	-
Metals	790	340	1.430	2.160	1.990	6.260
Other	-	-	-	-	-	-
Real estate	1.190	-	-	-	-	200
Technology	-	-	-	-	-	-
Transport	370	-	-	-	100	100
Utilities	-	-	-	-	-	210

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Mesmo assim, o IDE chinês na América Latina foi muito limitado até 2010. Como mostra a tabela acima, eles tiveram alguma força apenas na agricultura, mineração e energia,

com alguns projetos de petróleo e mineração. Deste modo é possível perceber que o maior objetivo chinês nesse momento é garantir o fornecimento das commodities.

Em 2010, os fluxos de investimento aumentaram expressivamente, atingindo US\$ 32 bilhões em decorrência da aquisição de duas grandes empresas de petróleo: a Sinopec no Brasil e CNOOC na Argentina. Depois destas, muitas outras empresas chinesas de variados setores marcaram presença na região: a State Grid no setor de eletricidade, a Chery em automóveis e a Chinalco na mineração. (CHEN; LUDENA, 2014, p. 14).

**Tabela: Investimentos chineses na América do Sul entre 2011 e 2020 (em milhões de dólares)**

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Total	15.150	8.100	11.540	16.880	14.010	19.550	12.570	20.510	12.920	6.340
Agriculture	2.080	170	320	1.100	-	290	1.350	830	-	-
Chemicals	460	-	-	-	180	1.500	-	100	-	-
Energy	6.170	6.310	7.180	3.060	11.870	15.470	6.730	5.780	10.800	3.290
Finance	880	200	720	720	170	-	-	280	110	-
Health	-	-	250	-	-	200	-	-	-	-
Logistics	260	460	-	-	-	-	-	-	230	-
Metals	1.950	510	-	9.530	-	210	1.460	9.070	380	670
Other	-	-	-	-	-	-	-	-	-	120
Real estate	1.690	-	200	1.060	520	100	380	-	-	-
Technology	200	150	300	100	300	-	-	-	300	-
Transport	1.460	300	2.570	1.310	970	1.540	2.460	4.150	1.100	2.260
Utilities	-	-	-	-	-	240	190	300	-	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Apesar do valor não se manter tão alto em comparação a 2010, durante os anos 2010 a América do Sul passou a receber valores mais altos do que na década passada. Assim, ao longo desse período o IDE chinês passou a entrar na região, a um nível estimado em torno de US\$ 13 bilhões por ano. (CGIT, 2021)

Apesar de haver um aumento de categorias com investimentos, manteve-se o padrão das principais empresas, principais setores e mercados-alvo mais importantes para a economia chinesa. As empresas chinesas se tornaram grandes players estrangeiros na indústria de óleo e gás na Argentina, República Bolivariana da Venezuela, Brasil, Colômbia e Equador. No setor de mineração, as empresas chinesas concentraram seus investimentos no Peru e de maneira menos expressiva no Brasil. Fora do setor de recursos naturais, a maior presença de empresas chinesas está no Brasil, onde empresas manufactureiras e de serviços de eletricidade atuam. (CHEN; LUDENA, 2014, p.15)

No geral, apesar da China se tornar um investidor direto significativo na América Latina, ela está longe de ser um dos maiores. Os Estados Unidos, representado 25% do total e a União Europeia com 40% continuam sendo as maiores fontes de IDE para a região enquanto participação da China e de outras economias asiáticas continua pequena, com apenas 7%. (CHEN; LUDENA, 2014, p.15)

Diferente do setor de recursos naturais, a área de serviços na América Latina é fraca na captação de IDE chineses. Como exceções estão apenas os bancos e companhias de navegação que abriram subsidiárias na América Latina com o objetivo de atender às relações comerciais dos países com a China. (CHEN; LUDENA, 2014, p.15)

Atualmente os projetos de IDE da China na América Latina são influenciados pelas relações comerciais entre os países envolvidos. Grande parte das empresas chinesas que investem na América Latina abre escritórios comerciais com o intuito de facilitar o comércio e o transporte de commodities. Já no setor de serviços, os únicos investimentos são feitos na área de finanças com o intuito de financiar operações comerciais com a China. (CHEN; LUDENA, 2014, p.16)

- EUA

Historicamente os investimentos americanos na China foram superiores que a entrada chinesa no Estados Unidos. Isso porque, as empresas americanas aproveitaram os benefícios fornecidos para incentivar à produção no país asiático durante as reformas nas décadas de 80 e 90. Entretanto esse cenário passou a sofrer alterações nos anos seguintes.

A estratégia chinesa do “Go Global” adotada nos anos 2000 deu início ao aumento no volume de investimentos deslocados para os Estados Unidos. Inicialmente, esse fluxo era pequeno, sutil e principalmente voltado para a facilitação de exportações e extração de recursos. Assim, esse crescimento foi impulsionado por novas oportunidades do setor extrativo criadas pelo boom não convencional de petróleo e gás dos EUA e pelo desejo dos investidores institucionais chineses de encontrar investimentos seguros, como imóveis e serviços públicos. (HANEMANN & ROSEN, 2014, p. 16)

**Tabela: Investimentos chineses nos Estados Unidos entre 2005 e 2010 (em milhões de dólares)**



	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Total	1.740	-	8.400	4.970	8.710	8.820
Agriculture	-	-	-	140	-	-
Chemicals	-	-	-	-	-	-
Energy	-	-	100	-	1.680	4.010
Entertainment	-	-	-	-	-	-
Finance	-	-	8.030	4.470	2.420	1.500
Health	-	-	-	360	-	-
Logistics	-	-	-	-	-	-
Metals	-	-	-	-	1.300	-
Other	-	-	120	-	350	1.150
Real estate	-	-	150	-	2.000	1.030
Technology	1.740	-	-	-	-	-
Tourism	-	-	-	-	150	-
Transport	-	-	-	-	810	1.130
Utilities	-	-	-	-	-	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Após a crise de 2008 os fluxos de capital chineses para economias desenvolvidas cresceram rapidamente, principalmente motivados pelo acesso à tecnologia e aos mercados para produtos de maior valor agregado. Assim, o movimento de investimentos chineses para os Estados Unidos aumentou com a necessidade de avançar o projeto de modernização e aprendizado tecnológico, expansão e proximidade com o mercado consumidor já amadurecido, diversificação de portfólio em aplicações financeiras, aproveitando o ambiente legal e financeiro. (HANEMANN & ROSEN, 2014, p. 16)

**Tabela: Investimentos chineses nos Estados Unidos entre 2011 e 2020 (em milhões de dólares)**

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Total	2.280	9.080	16.250	17.310	17.810	53.120	23.650	11.370	4.650	1.120
Agriculture	-	-	7.100	220	130	-	-	-	-	-
Chemicals	-	-	-	-	-	110	-	2.210	140	-
Energy	200	3.380	3.270	860	2.850	150	250	-	-	-
Entertainment	400	2.930	350	650	1.720	5.910	3.170	350	230	200
Finance	140	1.700	100	710	2.430	1.280	450	-	-	-
Health	-	120	740	-	580	540	1.710	490	1.930	140
Logistics	-	-	-	-	1.010	-	-	-	-	-
Metals	160	100	-	-	-	-	-	-	170	-
Other	230	-	330	310	-	7.090	510	4.130	560	780
Real estate	840	500	4.030	5.220	3.330	8.320	3.600	1.790	950	-
Technology	-	-	-	5.570	3.310	10.690	540	-	370	-
Tourism	-	130	100	2.220	560	16.400	450	-	300	-
Transport	310	220	230	1.550	1.890	2.630	12.970	2.400	-	-
Utilities	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Por meio da tabela acima é possível perceber que o impacto do investimento chinês nos EUA é sentido em diferentes setores, tendo destaque no mercado imobiliário, setor financeiro, transporte e tecnologia. Enquanto em 2005, este investimento alcançava apenas

US\$ 1,7 bilhão, em 2013 já passava de US\$ 16 bilhões. Assim, após a crise houve um crescimento inédito e acelerado, tornando os EUA o país mais investido pela China, com 16% do total acumulado na base CGIT.

Grande parte dessas operações for realizada por meio de F&A, pois, através desse meio é possível adquirir participação de mercado de maneira mais rápida que o crescimento orgânico. Além disso, nos setores com maior destaque, como finanças e tecnologia, existe vantagem na compra de empresas maduras por conta da sua mão de obra especializada e know-how. (OLIVEIRA, 2020, p. 85)

Essa nova onda de investimentos e o desenvolvimento das relações entre EUA e China suscitaram um debate em relação aos impactos na economia e sobre questões de segurança nacional. No lado dos Estados Unidos, evidências de ciberespionagem financiadas pelo estado chinês e a lentidão aparentemente proposital sobre a expansão do Acordo de Tecnologia da Informação resultaram em uma visão negativa sobre o país asiático. Por outro lado, as revelações de invasões cibernéticas sistemáticas dos EUA aumentaram a consciência acerca da vulnerabilidade existente e, conseqüentemente, geraram uma reação contra as empresas americanas na China. (HANEMANN & ROSEN, 2014, p. 16-17)

Por causa do aumento da resistência americana diante desses investimentos, passou-se a vetar mais vezes contra operações de ativos estratégicos em áreas sensíveis, resultando em uma reversão na tendência de crescimento desses investimentos chineses. Assim, o EUA teve mais cautela com os setores ligados à tecnologia e ao desenvolvimento militar, assim como ao uso de dados para vigilância. (OLIVEIRA, 2020, p. 85)

Desta forma, apesar de em 2016 a entrada de investimentos bater o recorde com mais de US\$ 53 bilhões, nos anos seguintes ocorreu uma queda no fluxo de investimentos nos EUA. Esse movimento está intimamente ligado ao acirramento das tensões entre os dois países. O congresso americano passou a adotar uma regulação mais restritiva em relação aos investimentos em setores considerados como estratégicos pelo governo enquanto o controle chinês da saída de capital passa a ser mais rígido, principalmente em áreas não voltadas diretamente à internacionalização e à modernização, como turismo e mercado imobiliário. (OLIVEIRA, 2020, p. 91)

- Europa

A Europa é uma região que possui grande expressão do investimento chinês. Os investimentos realizados por empresas chinesas em membros da União Europeia dispararam de praticamente zero em meados dos anos 2000 para € 14 bilhões em 2014. Nesse cenário, existe uma variedade de setores investidos refletindo o interesse chinês em aproveitar tanto o mercado de países desenvolvidos, quanto da possibilidade de aquisição de tecnologia e de estruturas produtivas. (HANEMANN & HUOTARI, 2015, p.7; OLIVEIRA, 2020, p.74)

Nesse espaço de tempo foram realizados mais de 1.000 projetos Greenfield e de aquisições, chegando no valor de mais de € 46 bilhões. A realização de Fusões e Aquisições possui mais expressão, enquanto o Greenfield possui uma presença mais fraca devido à dificuldade da sua implementação em países com regulação mais restritiva. Por isso, mesmo em setores que normalmente recebem investimento em novas plantas, como a exploração mineral, de petróleo e gás, e energia elétrica, possuem maior concentração de aquisições de empresas já consolidadas. (HANEMANN & HUOTARI, 2015, p.7; OLIVEIRA, 2020, p.74)

Como foi dito anteriormente, antes da crise de 2008 o investimento chinês era inexpressivo no mundo, e na Europa não foi diferente. Como pode ser observado nas tabelas abaixo, antes da crise a presença chinesa era fraca e em poucos setores.

**Tabela: Investimentos chineses na Europa entre 2005 e 2010 (em milhões de dólares)**

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Total	100	1.380	7.500	14.150	10.440	9.970
Agriculture	-	480	-	-	370	1.440
Chemicals	-	-	700	-	-	190
Energy	-	-	-	7.630	8.180	2.230
Entertainment						
Finance	-	100	5.740	-	-	960
Health	-	-	-	-	-	270
Logistics	-	-	-	-	-	100
Metals	-	800	-	-	-	-
Other	-	-	-	-	-	-
Real estate	-	-	790	730	450	170
Technology	100	-	-	-	1.180	970
Tourism						130
Transport	-	-	270	5.790	260	3.510
Utilities	-	-	-	-	-	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Formulação própria)

Já nos anos após a crise, a China modificou seu modelo de crescimento que abraçando mais fortemente a integração comercial. Assim, houve uma maior abertura aos fluxos de capital global visando atingir alguns objetivos, incluindo tornar as empresas globalmente

competitivas e a promoção de novos mercados no exterior. (HANEMANN & HUOTARI, 2015, p. 11)

**Tabela: Investimentos chineses na Europa entre 2011 e 2020 (em milhões de dólares)**

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Total	22.580	16.590	14.640	33.110	37.860	59.890	100.990	47.580	38.360	13.020
Agriculture	250	2.060	-	5.140	120	4.040	43.970	860	450	-
Chemicals	3.930	-	-	-	-	-	-	230	130	-
Energy	11.870	4.720	1.570	9.370	2.580	5.160	6.120	4.970	10.960	1.290
Entertainment				220	1.720	16.020	2.810	3.520	8.450	3.860
Finance	720	-	-	4.740	6.730	340	15.310	3.780	930	1.100
Health	-	-	240	590	-	1.460	630	2.950	340	320
Logistics	-	-	470	130	3.150	2.240	14.230	100	870	-
Metals	100	1.440	250	400	-	120	230	1.460	670	1.060
Other	1.110	700	-	970	310	3.100	1.350	4.350	290	300
Real estate	-	3.030	5.080	4.180	3.440	4.140	3.950	540	440	260
Technology	1.300	1.690	2.200	940	2.070	12.810	1.870	6.090	3.730	1.630
Tourism	-	-	2.000	1.830	1.810	3.910	4.230	560	780	180
Transport	3.300	1.830	2.730	4.600	15.930	4.620	5.980	1.770	1.007	3.020
Utilities	-	1.120	100	-	-	1.930	310	470	250	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Formulação própria)

Apesar da diversidade de setores, a maioria dos negócios que recebem investimentos na Europa são focados em equipamentos e serviços de comunicações máquinas e equipamentos industriais e energias renováveis. Desta forma, é possível perceber a tendência de aumento da sofisticação nas áreas apontadas como prioritárias e de maior diversidade de investimentos em relação ao período 2008/2009. (JACARIBE, 2017, p.25)

Assim, os setores escolhidos para receber os investimentos não são estratégicos apenas para acessar o mercado local, mas também pela capacidade de aumentar o aprendizado das empresas chinesas em ambientes culturais e sociopolíticos diversos, e pelo acúmulo de influência nessas regiões. Isso porque, por exemplo, os treinamentos e as experiências cotidianas fornecidas por empresas estrangeiras fomentam uma força de trabalho mais qualificada. (HANEMANN & HUOTARI, 2015, p. 29).

Após o ano de 2017, os investimentos chineses na região passaram a cair. Esse fenômeno pode ser explicado como uma resposta a decisão dos Estados Unidos e aumentar a regulação envolvendo os investimentos vindos do país asiático. Essa preocupação fez com que os demais países desenvolvidos passassem a adotar medidas de proteção semelhantes à dos americanos. Por isso, o fluxo de investimentos foi reduzindo no decorrer dos anos. (OLIVEIRA, 2020, p. 85)

- África Subsaariana

O engajamento chinês da África cresceu em muitos aspectos nas últimas décadas, mesmo que parceiros como a União Europeia e Estados Unidos ainda sejam dominantes na região. Os principais determinante que levaram a China a direcionar seus investimentos para o continente africano são a busca por mercado consumidor e para assegurar a fonte de recursos para seu próprio desenvolvimento (DONOU, 2018, p.1-2).

Historicamente, os setores mais visados são os relacionados a recursos naturais africanos, seguindo a estratégia chinesa para garantir a presença em países fornecedores de commodities, como energia e metais. A China retira 30% do seu petróleo da África e 50% do IDE vai parar países ricos nesse insumo: Sudão, Argélia e Nigéria. Assim, é possível perceber que o investimento chinês na África visa predominantemente garantir o acesso ao petróleo. Já a mineração representa 29% do investimento chinês da região. (KLAVER & TREBILCOCK, 2016, p.116)

Na próxima tabela, estão representados os fluxos anuais e a participação de investimento consolidados na região, por setor. Como mencionado, é possível perceber a grande concentração em recursos naturais, tanto pela continuidade dos fluxos, quanto pela dimensão dos valores entrantes.

**Tabela: Investimentos chineses na África Subsaariana entre 2005 e 2010 (em milhões de dólares)**

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Sub-Saharan						
Africa	210	8.650	10.710	17.890	11.950	8.320
Agriculture	-	-	160	-	-	200
Chemicals	-	-	-	-	-	-
Energy	-	3.120	1.650	5.670	6.610	2.140
Entertainment	-	-	120	-	-	320
Finance	-	-	5.600	-	-	-
Health	-	-	-	100	-	-
Logistics	-	-	-	-	-	-
Metals	-	2.540	260	2.840	370	1.690
Other	-	-	-	-	-	-
Real estate	-	130	690	4.220	1.160	870
Technology	-	2.400	-	-	-	780
Tourism	-	-	-	-	-	-
Transport	210	290	2.230	4.910	3.510	1.190
Utilities	-	170	-	150	300	1.130

Fonte: China Global Investment Tracker (Formulação própria)

Além da segurança energética e de oferta de insumos, outra grande motivação desses investimentos é o acesso a mercados. Empresas chinesas que possuem cadeiras globais de

valor sofrem danos com o aumento de tarifas estabelecidas por países mais ricos. Por outro lado, algumas dessas nações concedem acesso preferencial a Estados africanos como o United States' African Growth and Opportunity Act (AGOA) e a iniciativa EU's Everything but Arms (EBA). Assim, para ultrapassar as barreiras comerciais impostas, as companhias chinesas estabeleceram operações para fabricar na África e acessar esses mercados. (KLAVER & TREBILCOCK; 2016; p. 116).

**Tabela: Investimentos chineses na África Subsaariana entre 2011 e 2020 (em milhões de dólares)**

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Sub-Saharan Africa	25.030	30.230	34.420	24.180	29.980	25.220	22.510	24.050	22.740	7.150
Agriculture	280	830	1.330	730	120	820	590	100	280	-
Chemicals	-	-	1.150	620	-	700	-	-	300	-
Energy	4.130	1.068	1.685	5.090	10.120	6.420	6.560	14.530	7.850	2.430
Entertainment		-	-	520	100	160		270	-	-
Finance	250	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Health	-	100	610	-	-	-	-	-	-	130
Logistics	-	190	300	-	1.380	480	-	-	-	-
Metals	5.620	4.040	2.900	3.000	4.100	3.300	1.810	1.790	2.530	1.390
Other	240	-	560	-	-	700	2.410	980	300	-
Real estate	4.850	600	2.170	4.910	5.570	970	2.570	1.250	2.500	240
Technology	530	-	2.030	-	730	-	-	550	170	-
Tourism		-	110	210	-	130	-	210	-	-
Transport	8.860	13.020	5.780	8.160	7.250	10.380	8.340	4.140	7.710	2.960
Utilities	270	7.700	630	940	610	1.160	230	230	1.100	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Formulação própria)

Outro ponto relevante nesse cenário, é que o avanço do processo de desenvolvimento chinês, e conseqüentemente o encarecimento da produção na China, criou uma pressão pela busca de regiões com menor custo da mão de obra e insumos, com acesso a redes de logística e transporte, e com benefícios fiscais superiores à produção chinesa. Assim, por a África Subsaariana ofertar essas oportunidades, os investimentos nessas áreas começaram a ganhar força, como mostra a tabela acima (OLIVEIRA, 2020, p. 117).

Entretanto, os IDEs chineses na África não possuem finalidades apenas econômicas. Segundo Santos e Milan (2014, p.472): “Além de recursos naturais e da exploração de novos mercados que estão surgindo, a China parece buscar a construção de aliados a partir de seus interesses geopolíticos.” Manter boas relações com os países que compõem o continente é um relevante ponto, já que seriam 54 votos apoiando as decisões chinesas na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, e que inclusive foram importantes na ascensão da

China continental ao Conselho de Segurança. Assim, por serem atores que anseiam por auxílio em seu processo de desenvolvimento, com relações históricas e que compartilham dos princípios, apresentam menor resistência à presença chinesa no continente. (SANTOS & MILAN, 2014, p. 472)

- Leste Asiático

O atrativo chinês no Leste Asiático vai além de motivos puramente econômicos. Devido a proximidade dos países da região com a China, existem questões geopolíticas envolvidas, principalmente com a perspectiva de liderar o local de maneira mais integrada. (OLIVEIRA, 2020, p. 92)

A princípio, o investimento na região era praticamente voltado a captação de energia. Entretanto, em 2008 o fluxo de entrada do capital chinês aumentou fortemente, praticamente cinco vezes mais que no ano anterior. Nos anos seguintes essa tendência foi sendo ampliada entre os setores dos países do Leste Asiático. (CGIT, 2021)

**Tabela: Investimentos chineses no Leste Asiático entre 2005 e 2010 (em milhões de dólares)**

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
East Asia	2.180	3.570	2.850	14.270	9.810	17.210
Agriculture	-	-	-	200	-	1.500
Chemicals	-	430	-	900	-	-
Energy	1.310	2.170	2.850	8.240	6.930	9.440
Entertainment	-	-	-	-	-	100
Finance	-	-	-	-	530	170
Health	-	-	-	-	-	-
Logistics	-	-	-	-	-	-
Metals	670	-	-	1.420	-	3.070
Other	-	-	-	-	-	200
Real estate	-	-	-	-	440	1.630
Technology	-	-	-	-	490	200
Tourism	-	-	-	2.030	-	-
Transport	200	970	-	1.480	1.310	900
Utilities	-	-	-	-	110	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Formulação própria)

Além disso, com o avanço do projeto desenvolvimentista chinês e o encarecimento da mão de obra e dos custos de produção, ampliou-se o estabelecimento de estruturas produtivas chinesas nessa região por serem locais com custos mais reduzidos.

**Tabela: Investimentos chineses no Leste Asiático entre 2011 e 2020 (em milhões de dólares)**

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
East Asia	16.810	16.430	14.850	19.770	39.380	28.920	37.590	29.850	28.700	18.380
Agriculture	100	490	280	310	200	1.260	280	240	1.030	-
Chemicals	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Energy	6.500	2.620	4.530	9.040	18.760	11.370	7.650	3.760	7.560	6.460
Entertainment	-	240	-	500	-	-	270	370	1.080	160
Finance	190	-	-	-	2.530	1.250	120	-	-	-
Health	-	900	-	-	-	-	240	110	-	630
Logistics	800	140		370	150	190	10.090	490	-	750
Metals	2.840	5.240	1.650	1.830	2.980	480	2.010	1.970	3.710	1.210
Other	240	2.160	470	410	130	1.580	2.390	3.460	2.140	630
Real estate	1.660	3.080	3.070	1.790	6.730	3.880	6.020	3.150	2.730	1.430
Technology	180	350	110	1.000	2.310	410	880	1.020	1.240	1.140
Tourism	-	100	980	1.100	150	2.310	550	-	390	-
Transport	3.970	1.110	3.650	2.180	4.070	5.450	6.530	14.670	8.220	5.140
Utilities	330	-	-	800	970	440	460	140	600	830

Fonte: China Global Investment Tracker (Formulação própria)

O crescimento dos investimentos chineses na região chegou ao seu ápice em 2017 e vem caindo desde então, repetindo o movimento já visto em outras regiões. Essa queda pode estar atrelada a questões como a restrição do governo a setores não prioritários, a guerra comercial entre China e EUA, e a desaceleração econômica em âmbito global. (CGIT, 2021)

Por outro lado, os projetos relacionados ao BRI no local analisado não sofreram essa redução de investimentos. Assim, o valor recebido em setores como transporte, logística e mercado imobiliário dessa região não foi prejudicado. Pelo contrário, por ser um ponto estratégico entre Europa e Oriente Médio, o local recebe propostas táticas envolvendo logística, transporte e infraestrutura. (OLIVEIRA, 2020, p. 92)

- Oeste asiático

O Oeste Asiático recebe destaque por ser um grande fornecedor de petróleo e recursos minerais para a China. Mesmo com o passar dos anos e a ampliação de áreas investidas, esses setores permaneceram como maiores receptores na região.

**Tabela: Investimentos chineses no Oeste Asiático entre 2005 e 2010 (em milhões de dólares)**



	2005	2006	2007	2008	2009	2010
West Asia	7.160	14.170	14.770	5.930	14.790	15.160
Agriculture	-	-	-	-	-	-
Chemicals	-	-	110	-	-	1.530
Energy	4.690	1.110	10.080	2.480	11.180	8.540
Entertainment	-	-	-	-	-	-
Finance	-	-	-	-	-	-
Health	-	-	-	-	-	-
Logistics	-	-	-	-	-	160
Metals	1.200	-	3.330	1.400	920	1.510
Other	-	120	-	-	-	200
Real estate	-	1.300	-	720	1.000	920
Technology	-	550	610	400	700	520
Tourism	-	-	-	200	-	-
Transport	1.270	1.100	540	730	990	1.490
Utilities	-	-	100	-	-	290

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Assim, como no Leste, o Oeste Asiático passou a receber os investimentos através de projetos da BRI. Assim, o boom observado a partir de 2013 está em grande medida relacionado a essa iniciativa. (CGIT, 2021)

**Tabela: Investimentos chineses no Oeste Asiático entre 2011 e 2020 (em milhões de dólares)**

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
West Asia	13.090	16.450	23.270	30.810	32.120	27.230	27.810	21.250	29.570	8.470
Agriculture	180	520	2.330	870	550	480	-	510	240	-
Chemicals	590	-	1.100	1.030	1.870	440	1.530	400	2.490	1.340
Energy	6.130	9.850	14.490	20.010	11.050	19.490	14.470	3.700	12.530	3.810
Entertainment	-	-	-	-	-	100	-	-	410	-
Finance	100	1.000	200	320	-	110	110	340	840	100
Health	-	-	200	-	-	-	1.080	-	-	-
Logistics	280	150	660	390	920	-	-	150	-	-
Metals	2.630	1.820	1.460	1.640	1.070	800	930	5.140	640	-
Other	-	-	100	320	2.660	-	1.240	650	2.590	130
Real estate	450	470	260	1.200	1.710	720	3.320	530	3.090	-
Technology	-	600	310	520	710	100	200	1.580	270	-
Tourism	-	230	540	-	-	180	-	-	1.090	-
Transport	2.730	1.500	1.390	4.510	11.480	2.710	4.810	7.540	5.380	3.090
Utilities	-	310	230	-	100	2.100	120	710	-	-

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Desta forma, os setores de energia, metais e transporte são os que recebem maior destaque. Entre os metais mais visados estão o cobre e o aço. Já os investimentos em transporte estão ligados a BRI devido a criação e o fortalecimento de uma nova rota de comércio entre a Ásia, Europa e África. (OLIVEIRA, 2020, p. 92)

## CAPÍTULO 5: NOVA ESTRATÉGIA: A BELT & ROAD INITIATIVE

Como pode ser observado no capítulo anterior, diversas regiões foram impactadas pela chamada Belt and Road Initiative e o aumento de investimentos decorrentes desse projeto. Por conta dessa importância, será feito um capítulo para explicar os motivos para a criação desse megaprojeto e como ele está ligado ao futuro do plano de desenvolvimento chinês.

A iniciativa “One Belt One Road”, também conhecida como Belt and Road Initiative (BRI) é um dos pilares da nova estratégia chinesa de crescimento. Esse ambicioso programa de longo prazo é focado no desenvolvimento de infraestrutura e na promoção da conectividade e integração entre a Ásia, África e Europa. Foi anunciado por líderes chineses no final de 2013 em visitas ao Sudeste e Centro da Ásia, e assumiu uma forma mais completa em termos de iniciativas, prioridades e princípios gerais em um documento lançado em Março de 2015. (HIRATUKA, 2018, p. 8)

Desde o início da iniciativa, ela passou ser um grande foco dos investimentos externos chineses, como pode-se ver na tabela a seguir. Além disso, os setores envolvidos nesse projeto são bem diversificados, demonstrando como esse projeto engloba as mais variadas áreas nas economias do envolvidos.

**Tabela: Investimentos chineses na Europa entre 2013 e 2020 (em milhões de dólares)**

	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Belt and Road Initiative	29.840	116.260	125.070	114.490	108.910	117.980	103.480	46.540
Agriculture	-	3.470	1.370	4.810	1.270	930	1.550	-
Chemicals	1.150	2.090	2.900	1.910	1.630	1.880	3.700	2.140
Energy	12.460	46.340	48.680	49.850	40.460	39.280	38.700	19.930
Entertainment	-	1.020	100	5.210	1.740	640	1.280	160
Finance	-	3.690	4.770	1.540	2.530	690	110	-
Health	290	590	230	730	360	570	260	130
Logistics	400	890	2.110	3.440	1.009	760	230	870
Metals	1.130	15.760	7.660	2.180	3.690	17.230	7.380	3.200
Other	270	530	2.910	2.870	5.710	6.990	2.610	980
Real estate	3.010	11.300	14.130	8.260	13.710	10.680	11.040	1.960
Technology	480	2.150	3.390	1.640	1.440	2.150	2.930	950
Tourism	1.520	3.130	470	2.590	750	210	390	-
Transport	8.430	22.570	32.070	24.450	23.040	34.180	27.680	14.640
Utilities	700	2.730	4.280	5.010	2.490	1.790	4.620	1.580

Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Desde o início de 2013, ocorreram uma série de discussões entre o recém-instalado Presidente Xi e um círculo de conselheiros próximos em relação ao estabelecimento da

versão da Nova Rota da Seda da China, que seria uma extensão do existente sistema de logística do país orientada para o mercado. Em setembro de 2013, o presidente Xi anunciou Cinturão Econômico da Rota da Seda em Astana, Cazaquistão, fortalecendo a cooperação entre a China e a Ásia Central. O Belt era essencialmente um corredor econômico que ligava a China à Europa, estendendo-se de Xian, passando pela Ásia Central e Europa Oriental, até o porto interior de Duisburg, na Alemanha.

Em outubro de 2013, o presidente Xi apresentou a Iniciativa da Rota da Seda Marítima do Século XXI em Jacarta, Indonésia, para construir relação mais firme entre a China e a Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Essa iniciativa tinha o objetivo utilizar portos marítimos no sudeste da China, para ligar o país à África e Europa através do Mar da China Meridional, Oceano Índico, Golfo Pérsico, Mar Vermelho e Mar Mediterrâneo. Em dezembro de 2013, para fortalecer as conexões com os países vizinhos por meio da "diplomacia periférica", o presidente Xi formou o Comitê Central de Obras. (RIMMER, 2018, p. 8-9)

Assim, a BRI é orientada por dois eixos principais. O primeiro é o Cinturão Econômico da Rota da Seda, que busca consolidar as conexões da China com a Ásia Central e a Europa. Porém, entorno da rota principal há uma série de outras sub-rotas que, juntas, buscam interligar a China com o Mediterrâneo, passando pelo Golfo Pérsico e se estendendo do Sul e Sudeste Asiático até a Ásia Central e a Rússia. A segunda é a Rota da Seda Marítima do Século 21, que visa conectar vários portos da costa chinesa à costa da Europa, passando pelo Oceano Índico e a costa leste da África. (HIRATUKA, 2018, p. 8)

Huang (2016, p.2) aponta alguns pontos principais a respeito da Belt and Road Initiative. Em primeiro lugar, a iniciativa é uma importante tentativa da China para sustentar seu crescimento econômico, explorando novas formas de cooperação econômica internacional com novos parceiros. Como foi apresentado anteriormente, durante as três primeiras décadas de reforma econômica, a China alcançou um crescimento econômico muito rápido, beneficiando-se da dramática expansão das exportações e do IDE das economias desenvolvidas. Entretanto, esse crescimento aumentou os custos de produção, afetando a competitividade de alguns setores enquanto a indústria pesada passa por uma fase de excesso de capacidade. Desta forma, o modelo de crescimento chinês deve buscar alternativas para se renovar.

Em paralelo a necessidade chinesa de encontrar novos meios de crescimento, algumas economias da Ásia carecem de capital suficiente para se desenvolverem (KING & DU, 2018, p. 2). A maioria dos países abrangidos pela Belt & Road Initiative é formada por economias de baixa renda, mas que possuem maior potencial para crescer rapidamente se as condições adequadas forem postas em prática. Esses Estados também poderiam formar relações de cooperação mais naturais com a China, como novos destinos de investimento chinês e exportações. Ou seja, esta vasta região subdesenvolvida, espremida entre as vibrantes economias da Europa Ocidental e do Leste Asiático, tem o potencial de se transformar em um novo pilar de crescimento da economia mundial, criando novos mercados para as exportações e IDE da China. (HUANG, 2016, p.4)

Assim, a Belt & Road Initiative é uma oportunidade para a China explorar a cooperação com novos parceiros econômicos (HUANG, 2016, p.4). Entretanto, pode ser otimismo supor que a capacidade de absorção de capital desses países é compatível com a quantidade que a China pode fornecer por meio da BRI (KING & DU, 2018, p. 2). Outro detalhe a ser pontuado é a estabilidade do mercado externo que pode se tornar um impeditivo para o comércio de produtos entre as fronteiras ou para que haja retornos sobre o capital investido.

Desta forma, existem critérios que envolvem o comércio e os investimentos que são considerados quando a China decide os destinatários. Elementos como o nível de desenvolvimento do parceiro proposto em comparação a China, quais são os vínculos econômicos que ele possui com a China. Outro fator a ser considerado é o tamanho da população do país, isso porque, no caso de um crescimento populacional acelerado, o capital estrangeiro acaba desempenhando um papel secundário no desenvolvimento econômico do país, contrariando as expectativas da China ou da BRI. Com essas restrições de desenvolvimento e população, os países asiáticos menos populosos e com menor desenvolvimento econômico que a China tende a serem alvos do investimento inicial chinês para a infraestrutura. (KING & DU, 2018, p. 2).

Após a análise desses critérios, são realizados estudos de viabilidade desses investimentos. Ou seja, nessa etapa são observados pontos como a capacidade do país parceiro de absorver o investimento de capital e consumir os produtos chineses. Assim, é observado até que ponto a China consegue se integrar à economia asiática e quanto mais ela pode evoluir nesse sentido. (KING & DU, 2018, p. 2).

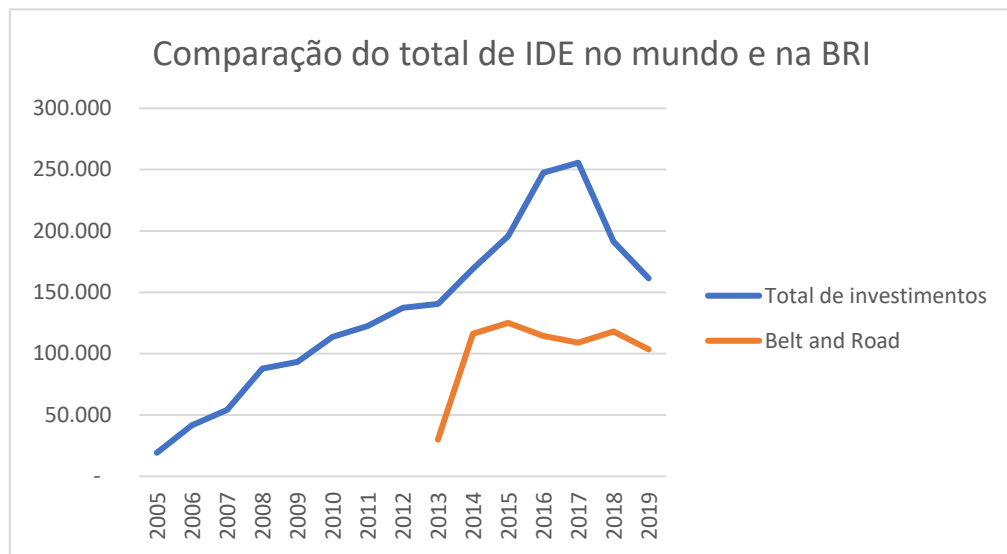
Esses estudos são cruciais pois o desafio chinês de adentrar os mercados asiáticos é desconhecido e existe a possibilidade de os países dessa região não serem capazes garantir a participação da China em seus mercados de comércio e de investimentos. A nova iniciativa de abertura da China precisará se conformar às trajetórias de crescimento da Ásia para garantir que os países destinatários façam uso eficiente dos bens e capital chineses, minimizando assim as incertezas locais para a China. Por isso, as atuais estruturas comerciais asiáticas deveriam ser reinventadas junto com a participação da China nelas a fim de auxiliar a China reforçar seu novo papel no BRI. (KING & DU, 2018, p. 2).

Além da importância regional, o segundo ponto destacado por Huang é que a BRI é um meio de apresentar uma maior influência internacional, contribuindo com a arquitetura econômica internacional. Apesar de ser um ator relutante no jogo da governança econômica internacional e que não possui um papel que reflita o seu peso econômico relativo atual, a China agora mostra disposição em assumir maiores responsabilidades. Assim, o país começou ter um papel mais ativo nos assuntos econômicos internacionais, buscando conter a tendência de recessão global e participando das Cúpulas do G20, reformas do FMI e do sistema financeiro internacional etc. (HUANG, 2016, p. 5). Deste modo, é possível perceber que a Belt & Road Initiative faz parte do interesse do governo chinês em desempenhar papéis importantes na reformulação do sistema econômico global.

Em terceiro, Huang (2016, p. 2) afirma que o desenvolvimento da infraestrutura é um elemento crucial da Belt & Road Initiative, mas a iniciativa é muito mais abrangente que isso pois inclui assuntos como o diálogo sobre políticas, a conectividade de infraestrutura, o comércio desimpedido e o apoio financeiro e intercâmbio entre pessoas. Dada a própria experiência da China em desenvolvimento econômico, a infraestrutura provavelmente desempenhará um papel fundamental na promoção da cooperação e desenvolvimento, especialmente na fase inicial da Iniciativa. Nesse sentido, existem diversos projetos para conectar várias sub-regiões por meio de ferrovias de alta velocidade, oleodutos e gasodutos e ligações de telecomunicações e eletricidade.

Segundo os dados fornecidos pelo site do ministério do comércio chinês, em janeiro de 2021 as empresas chinesas fizeram investimentos diretos não-financeiros no valor de 10,88 bilhões de yuans em 49 países ao longo da “Belt and Road”, principalmente em Cingapura, Indonésia, Vietnã, Emirados Árabes Unidos, Malásia, Turquia, Laos, Cazaquistão, Tailândia e Bangladesh e outros países. As companhias chinesas também

assinaram 304 novos contratos de projetos em 57 países da iniciativa com o valor total de 34,49 bilhões de yuans, representando um aumento de 34,1% (MOFCOM, 2021)



Fonte: China Global Investment Tracker (Elaboração própria)

Através dos dados entregues pelo MOFCOM e pelo CGIT, é possível compreender que, mesmo com a tendência de forte queda dos investimentos chineses no cenário internacional, a Iniciativa Belt and Road não recebe esse impacto da mesma forma. Assim, existe um movimento de manutenção da quantidade entregue pelo governo chinês à ao megaprojeto.

Por fim, Huang (2016, p. 2) afirma que a Belt & Road Initiative oferece oportunidades importantes, como a possibilidade de criar um novo pilar e contribuir com um novo pensamento político para o desenvolvimento econômico. Entretanto, o projeto contém incertezas e riscos significativos, como gestão de riscos geopolíticos, coordenação de políticas internacionais e sustentabilidade financeira de projetos cross-country. Assim, é preciso cautela tanto na área financeira quanto na política para que essa iniciativa seja bem-sucedida a longo prazo.

## CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado, foi possível perceber que iniciativa chinesa de expandir os investimentos no exterior fez parte do projeto de desenvolvimento iniciado em 1978 com reformas econômicas. Com o estoque de capital estrangeiro acumulado, havia a necessidade de escoar o capital chinês, ao mesmo tempo que se buscou destinos que fossem estrategicamente favoráveis ao projeto desenvolvimentista.

Nesse sentido, os investimentos externos chineses no primeiro momento estavam ligados a manutenção do fornecimento de recursos necessários para o crescimento chinês, como energia, alimentos e mineração. Entretanto, com a crise de 2008, ocorreu uma mudança de foco e os investimentos também passaram a ser direcionados a setores tecnológicos para manter a competitividade chinesa e acessar mais mercados consumidores.

Assim, o destino do capital chineses está diretamente relacionado ao tipo de produto fornecido por cada país e quais vantagens a China pode extrair deles. Como foi visto, nem sempre essas vantagens eram puramente econômicas, mas também beneficiavam o país em um contexto geopolítico. O maior exemplo disso é a Iniciativa Belt and Road que, além de ampliar as rotas de comércio, também faz com que a China se torne um ator cada vez mais influente no cenário internacional.

Através dessa exposição é possível concluir que o Estado foi um importante ator para a formulação e o sucesso do avanço chinês pelo mundo. As instituições ligadas ao Partido Comunista foram de extrema importância nesse cenário, desde as políticas adotadas para incentivar a internacionalização das empresas chinesas até atuar através de empréstimos em setores de infraestruturas em outros países ou em megaprojetos como a BRI. Claramente, fazendo tudo isso em pró dos seus próprios interesses.

Por fim, a temática acerca dos investimentos chineses e as consequências que ele proporciona em âmbito nacional e global é um constante objeto de estudo. Como foi visto ao longo do trabalho, o sistema internacional está em permanente transformação, onde questões como políticas adotadas em apenas um país, crises financeiras, ou até mesmo guerras comerciais podem alterar completamente a estratégia sobre investimentos externos. Por isso, a análise sobre os investimentos externos realizados pela China e seus objetivos deve ser um assunto de indubitável destaque no campo das Relações Internacionais.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ACIOLY, L. **China: uma inserção diferenciada.** Rev. Economia política internacional: uma análise estratégica [S.l.], n. 7, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/j3zMdr>> Acesso em 02 abril 2021.

ACIOLY, L. (2011) **China. Internacionalização de empresas:** experiências internacionais selecionadas. Brasília, 2011, p. 53-76.

BRANDÃO, C. M.; ARAÚJO, C. G.; DIEGUES JR, A. C. (2017) **As transformações no modelo de desenvolvimento chinês e seus impactos na estrutura produtiva:** será o fim da China barata? p. 990-1009. Em: São Paulo: Blucher, 2017. ISSN 2357-7592, DOI 10.5151/enei2017-54.

THE AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE AND THE HERITAGE FOUNDATION. China Global Investment Tracker, 2021. Disponível em: <<https://www.aei.org/china-global-investment-tracker/>>. Acesso em: 20 de jun 2021

CINTRA, Marcos Antonio Macedo; PINTO, Eduardo Costa. **China em transformação:** transição e estratégias de desenvolvimento. Rev. Econ. Polit., São Paulo, v. 37, n. 2, p. 381-400, jun. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572017000200381&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572017000200381&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 14 mar. 2021.

DENG, Ping. **Investing for strategic resources and its rationale:** The case of outward FDI from Chinese companies. Business Horizons, 2007 Volume 50, Issue 1, January–February 2007, Pages 71-81.

DENG, Ping. **Chinese outward direct investment research:** theoretical integration and recommendations. *Management and Organization Review*, 2013, vol. 9, n. 3, p. 513-539.

DONOU-ADONSOU, Ficawoyi; LIM, Sokchea. **On the importance of Chinese investment in Africa.** Review of Development Finance Volume 8, Issue 1, June 2018, Pages 63-73. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1879933718300551> Acesso em: 19 jun 2021



HANEMANN, T.; HUOTARI, M. **Chinese FDI in Europe and Germany**. Mercator institute for china studies, 2015.

HANEMANN, T.; ROSEN D. H. **High Tech: The Next Wave of chinese investment in America**. The Asia Society, 2014 Disponível em: <[https://asiasociety.org/files/China\\_Hi\\_Tech\\_Report.pdf](https://asiasociety.org/files/China_Hi_Tech_Report.pdf)>. Acesso em: 17 jun 2021

HIRATUKA, Celio. **Changes In The Chinese Development Strategy After The Global Crisis And Its Impacts In Latin America**. Rev. econ. contemp., Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, e182214, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-98482018000100203&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482018000100203&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 Mar. 2021.

HUANG, Yiping. **Understanding China's Belt & Road Initiative: Motivation, framework and assessment**, China Economic Review, Volume 40, 2016, Pages 314-321, ISSN 1043-951X. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chieco.2016.07.007> Acesso em: 18 jun 2021

KING, Cheng; DU, Jane. **Could 'Belt and Road' be the Last Step in China's Asian Economic Integration?** Sun Yat-Sen University, China; National University of Singapore, Singapore. JOURNAL OF CONTEMPORARY CHINA 2018, VOL. 27, NO. 114, 811–830. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10670564.2018.1488100> Acesso em: 18 jun 2021

KLAVER, Mark; TREBILCOCK, Michael. Chinese Investment in Africa. *In*: FARAH, Paolo; CIMA, Elena. **China's Influence on Non-Trade Concerns in International Economic Law**. London, 2016. p. 113-125. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315571713> Acesso em: 17 de jun 2021

KROEBER, Arthur R. **China's Economy: Whats Everyone needs to know**. p. 28-42 Oxford University Press, 2016

LIN, Justin Yifu. **Demystifying the Chinese Economy**. The Australian Economic Review, vol. 46, no. 3, pp. 259–68

MEDEIROS, C.A. **O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios**. Observatório da economia global. Textos Avulsos, n. 3, junho/2010.

MEDEIROS, C. A.; CINTRA, M. R. V. P. **Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos**. Rev. Econ. Polit. [online]. 2015, vol.35, n.1, pp.28-42. ISSN 0101-3157. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-31572015v35n01a02> Acesso em: 15 jun 2021

MOFCOM – MINISTRY OF COMMERCE OF THE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA. **Chinese investment cooperation with countries along the “Belt and Road” in January 2021**. Beijing, 2021. Disponível em: <<http://english.mofcom.gov.cn/article/statistic/foreigntradecooperation/202103/20210303044017.shtml>> Acesso em: 18 jun 2021

NONNENBERG, Marcelo José Braga. **China: estabilidade e crescimento econômico**. Rev. Econ. Polit., São Paulo, v. 30, n. 2, p. 201-218, Jun 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 abril 2021.

OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Investment Policy Reviews – China**. Paris, 2008.

OLIVEIRA, Caroline Hessa Marques de. **Análise do investimento chinês no mundo entre 2005 e 2018**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 2020

RIMMER, Peter J. **China's Belt and Road Initiative: underlying economic and international relations dimensions**. Asian-Pac Economic Literature Volume 32, Issue 2 p. 3-26. Oct, 2018. Disponível em: <https://doi-org.ez153.periodicos.capes.gov.br/10.1111/apel.12247> Acesso em: 15 jun 2021

ROSEN, D. H.; HANEMANN, T. **China’s changing outbound foreign direct investment profile: drivers and policy implication**. Washington: Peterson Institute of International Economics, 2009. (Policy Brief 09-14).

SANTOS. L.; MILAN. M. **Determinantes dos investimentos diretos externos chineses: aspectos econômicos e geopolíticos**. *Revista Contexto Internacional*, v. 36, n. 2, p. 457-486, jul./dez. 2014.

UNCSTAD. (2021). Disponível em:  
<[https://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx?sCS\\_ChosenLang=en](https://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx?sCS_ChosenLang=en)  
> Acesso em: 20 de jun 2021

WANG, C.; WEN, Y.; HAN, F. **Study on China's outward FDI**. *Procedia Environmental Sciences*. Volume 12, Part A, 2012, p. 543-549.  
<https://doi.org/10.1016/j.proenv.2012.01.315>

WORLD BANK. **China engaged, integration with the global economy**. Washington, DC, 1997.

ZHANG, X.; DALY, K. **The determinants of China's outward foreign direct investment**. *Emerging Markets Review*. Volume 12, Issue 4, December 2011, Pages 389-398.